

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Educação (DEDC) Campus I – Salvador  
Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA

Gênesis Oliveira Rocha

**A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CULTURA CORPORAL NO CONTEXTO DOS JOVENS  
INSERIDOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA.**

Salvador  
2021

Gênesis Oliveira Rocha

**A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CULTURA CORPORAL NO CONTEXTO DOS JOVENS  
INSERIDOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA.**

Dissertação de Mestrado apresentada a banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Área de Concentração 2- Formação de Professores e Políticas Públicas como requisito obrigatório à obtenção do título de Mestre, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edite Maria da Silva de Faria.

Salvador  
2021

## FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

O48e Oliveira Rocha, Gênesis

A Educação Física e a cultura corporal no contexto dos jovens inseridos na Educação de Jovens e Adultos - EJA. / Gênesis Oliveira Rocha, Edite Maria, da Silva Faria – Salvador, 2021.  
92 fls.

Orientador(a): Edite Maria da Silva de Faria.  
Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, Campus I. 2021.

1. Educação Física. 2. Educação de Jovens e Adultos. 3. Cultura Corporal.

**CDD: 374**

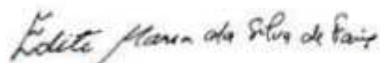
<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA</p> <p>Reconhecido Homologado pelo CNE (Portaria MEC n° 1009, DOU de 11/10/13, seção 1, pág. 13.)</p> <p>MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - MPEJA</p>	
---	--

## FOLHA DE APROVAÇÃO

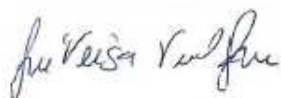
**“A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CULTURA CORPORAL NO CONTEXTO DOS JOVENS INSERIDOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA.”**

**GENESIS OLIVEIRA ROCHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, em 22 de dezembro de 2021, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Prof. Dra. EDITE MARIA DA SILVA DE FARIA (UNEB)  
Doutorado em educação  
Universidade do Estado da Bahia



Prof. Dr. JOSE VEIGA VINAL JUNIOR (UNEB)  
Doutorado em Língua e Linguística  
Universidad de Vigo



Prof. Dr. BENEDITO GONÇALVES EUGÊNIO (UESB)  
Doutorado em educação  
Universidade Estadual de Campinas

Salvador, dezembro de 2021

*[...] obrigado pela minha  
vozMas também pela  
sua vozPela voz que  
canta  
Que ama, que ensina, que alfabetiza,  
Que trauteia uma  
cançãoE que teu nome profere com sentida  
emoção! [...]"*

Amélia Rodrigues (Divaldo Pereira Franco).

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”.*  
*(Paulo Freire)*

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha bisavó Vitória Chagas Rocha *in memoriam*, aos meus bisavôs; Abílio Lourenço Rocha (In memoria), Joaquim Camilo *in memoriam*; as minhas avós, Maria Chagas Rocha – “tia miúda” (In memoria), Carmerinda Rosa Souza “dona Nena”, pessoas pretas, pobres, não alfabetizadas que viveram em uma sociedade sem oportunidades, sem ter a mínima perspectiva ao longo de suas trajetórias de conhecer o direito à Alfabetização. Em vista disso, ratifico a retidão de caráter, a honradez que essas mulheres e homens exemplificaram em vida. Fica expresso meu carinho, meu respeito e a dedicação desse trabalho.

Obrigado família.

Gênesis Oliveira Rocha

## AGRADECIMENTOS

Eu aprendi com os processos da vida o significado da expressão “*em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco*”. Não por acaso, a Deus o primeiro agradecimento face a perseverança por seguir em frente, por me permitir compreender que os processos de aprendizagem nem sempre são fáceis, mas são necessários para a consolidação DO meu SER mais humano. Obrigado, Senhor.

Aos meus pais, Agnaldo e Zenaide, pelo apoio incondicional aos meus estudos, por me oportunizarem uma formação acadêmica que não puderam obter. Para vocês, meu agradecimento, meu amor, meu respeito e tudo mais que eu puder e conseguir realizar em vida, terá sempre vocês como fonte de inesgotável inspiração e motivação. Obrigado!

Ao meu pequeno coração fora do corpo, a pessoa que me fez sentir o amor de ser pai, peço-lhe perdão por tantos momentos de reclusão para escrita da dissertação e ausência nos momentos que poderiam ser melhor vividos ao seu lado. Te amo, Lavínia D’Eça Rocha, figurinha linda do meu coração!

Ao meu irmão Jarbas, minha cunhada Fernanda, minha sobrinha Isabela, todos os meus tios, primos e familiares, fica o agradecimento pela presença de vocês em minha vida e pela possibilidade de sempre aprender com vocês.

À Universidade do Estado da Bahia – UNEB e ao Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, pela oportunidade de realização da minha formação em nível de Mestrado.

À minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup> Edite Maria da Silva de Faria, por me aceitar como orientando, por sempre ofertar boas reflexões, por avaliar e contribuir com a pesquisa, por sua presença nessa fase da minha formação. Gratidão, professora!

Aos membros da banca de qualificação e defesa, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edite Maria da Silva de Faria – UNEB, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Benedito Gonçalves Eugênio – UESB, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> José Veiga Vinal Júnior – UNEB. A contribuição valiosa que têm agregado a este trabalho, por meio dos seus conhecimentos e experiências, também é uma contribuição para o meu próprio processo de formação docente. Posso dizer que hoje, vocês também fazem parte da minha história, como mestres.

Ao meu amigo Lucas C. S. Portela, um professor de português e cineasta fantástico, um gigante, um amigo super presente nesse momento tão importante. Gratidão, Luquinhas!

Ao Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA, Campus

Vitória da Conquista, aos meus alunos e alunas dos cursos técnicos de Meio Ambiente, Eletrônica e Eletromecânica, por fazerem parte de minha vida profissional. Saibam que esse processo de formação irá reverberar em novos atos do meu exercício na docência e, de forma indubitável, fortalecerá a nossa relação e as vivências de novos alunos que virão, na disciplina de Educação Física. Gratidão a Deus, por fazer parte dessa Instituição.

## **LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS**

**AC** – Análise de Conteúdo

**BNCC** – Base Nacional Comum Curricular

**CCM** – Cultura Corporal de ovimento

**COVID** – Coronavírus

**EB** – Ensino Básico

**ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente

**EF** – Educação Física

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos

**FB** – Formação Básica

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IFBA** – Instituto Federal da Bahia

**INEP** – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira

**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da educação

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PCN** – Parâmetros Curriculares Nacionais

**PNAD** – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

**PNADC** – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

**PNE** – Plano Nacional de Educação

**PMVC** – Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista

**PROEJA** – Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos

**SMED** – Secretaria Municipal de Educação

**UE** – Unidades Escolares

**UNEB** – Universidade do Estado da Bahia

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Gráfico de índice de jovens que trabalham.	p. 22
<b>Figura 2</b>	Gráfico referente ao número de alunos matriculados na EJA na década.	p. 32
<b>Figura 3</b>	Gráfico referente ao número de matrículas na EJA em Vitória da Conquista/BA.	p. 34
<b>Figura 4</b>	Publicações em periódicos	p. 51
<b>Figura 5</b>	Gráfico referente ao número de pesquisas da última década	p. 57
<b>Figura 6</b>	Gráfico referente aos principais objetivos das pesquisas	p. 57
<b>Figura 7</b>	Gráfico referente aos principais objetivos de análise	p. 58
<b>Figura 8</b>	Gráfico referente as abordagens metodológicas nas pesquisas em Educação Física	p. 58
<b>Figura 9</b>	Gráfico demonstrativo da predominância de sexo entre docentes	p. 66
<b>Figura 10</b>	Gráfico demonstrativo de formação em outra área	p. 67
<b>Figura 11</b>	Gráfico demonstrativo de pós-graduação	p. 67
<b>Figura 12</b>	Gráfico demonstrativo de tipo de pós-graduação	p. 68
<b>Figura 13</b>	Gráfico demonstrativo de presença docente por segmento EJA	p. 68
<b>Figura 14</b>	Gráfico demonstrativo do tempo de experiência docente	p. 69
<b>Figura 15</b>	Gráfico demonstrativo de pós-graduação <i>latu-sensu</i> em EJA	p. 69
<b>Figura 16</b>	Gráfico demonstrativo de curso de capacitação ou formação em EJA	p. 70
<b>Figura 17</b>	Gráfico demonstrativo em interesse em curso de formação da EJA	p. 71
<b>Figura 18</b>	Gráfico demonstrativo de realização em pesquisa na EJA	p. 71
<b>Figura 19</b>	Gráfico demonstrativo de interesse em realizar pesquisa na EJA	p. 73
<b>Figura 20</b>	Gráfico demonstrativo de temas tratados nas aulas de Educação Física	p. 73

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1. Procedimentos Metodológicos.....	27
1.1.1 O Sujeito da pesquisa e a construção dos dados .....	28
1.1.2 Análise dos Dados .....	30
<b>2. O LOCUS E OS SUJEITOS DA PESQUISA</b>	
2.1. Considerações da EJA na Bahia e em Vitória da Conquista: primeiras impressões.....	31
2.2. Os diferentes contextos de Juventudes na EJA.....	35
2.3. Reorientando movimentos em corpos juvenis: os desafios da Educação Física na EJA.....	40
2.4. Educação de Jovens e Adultos: quais perspectivas temos sobre o direito à educação? .....	43
<b>3. BASES LEGAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: DIALOGANDO COM A LEGISLAÇÃO</b>	
3.1. Diretrizes Curriculares da educação Básica .....	47
3.2. Base Nacional Comum Curricular – BNCC .....	48
3.3. Cultura Corporal, Educação Física e EJA .....	49
3.4. Educação Física no contexto da Educação de Jovens e Adultos.....	52
3.5. O professor de Educação Física na EJA: da teoria à prática .....	54
3.6. Desafios x possibilidades da educação física na EJA: o que dizem os estudos analisados .....	59
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	77
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	79
<b>ANEXOS A. Roteiro de entrevista</b> .....	83
<b>ANEXOS B. Produto de intervenção do Mestrado</b> .....	87

## RESUMO

Este trabalho analisa como a disciplina de Educação Física é ofertada na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, no município de Vitória da Conquista-Bahia. A pesquisa abordou questões referentes aos elementos da cultura corporal de movimento. Dessa forma, o objetivo geral é analisar a Educação Física na construção da cultura corporal no contexto dos jovens inseridos na EJA, no referido município. A questão da pesquisa se debruçou sobre como os elementos da cultura corporal colaboram com as práticas pedagógicas da Educação Física desenvolvidas na referida modalidade de ensino. A respeito da abordagem metodológica, optou-se por estudo de abordagem qualitativa por compreender a realidade subjetiva do indivíduo. Como critérios de inclusão da amostra, adotamos: a) possuírem turmas com jovens incluídos na EJA; b) apresentarem professores de Educação Física em seu quadro docente. Os resultados apresentaram múltiplas ações envolvendo os elementos da cultura corporal sendo apresentados aos jovens inseridos nas turmas de EJA pesquisadas. Como possibilidade de contribuir com os professores de Educação Física que atuam nas turmas de EJA. O produto da pesquisa é um curso de formação direcionado as práticas corporais que possam dar sentido e significado aos conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física.

**Palavras-chaves:** Cultura Corporal. Educação Física. EJA. Formação de Professores.

## **ABSTRACT**

This work analyzes how the Physical Education discipline is offered in the Youth and Adult Education modality, in the city of Vitória da Conquista-Bahia. The research addressed questions regarding the elements of the body culture of movement. Thus, the general objective is to analyze Physical Education in the construction of body culture in the context of young people inserted in the EJA, in that municipality. The research question focused on how the elements of body culture collaborate with the pedagogical practices of Physical Education developed in that teaching modality. Regarding the methodological approach, a qualitative study was chosen to understand the subjective reality of the individual. As sample inclusion criteria, we adopted: a) having groups with young people included in the EJA; b) present Physical Education teachers in their teaching staff. The results showed multiple actions involving the elements of body culture being presented to young people inserted in the researched EJA classes. As a possibility to contribute to the Physical Education teachers who work in the classes of EJA. The research product is a training course directed to body practices that can give meaning and meaning to the contents developed in Physical Education classes.

**Keywords:** Body Culture. Physical Education. EJA. Teacher training

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um direito e como modalidades da Educação Básica é garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996). Em seu texto, a LDB demonstra consonância com o entendimento de que a construção do conhecimento e formação do indivíduo se desenvolvem no percurso das suas interações sociais, com aspectos multifatoriais que vão desde o convívio familiar às relações estabelecidas no ambiente laboral. Assim, a LDB se configura como um instrumento legal no qual são sistematizadas diretrizes que sintetizam competências disciplinares, a formação educacional e cidadã do brasileiro.

Nesse contexto, a EJA é uma das modalidades de ensino previstas pela LDB e está destinada à pessoa jovem, adulta ou idosa, a fim de ofertar para esses sujeitos a formação educacional básica, pública ou privada. A priori, antes de apresentar o meu objeto de estudo, inicio os primeiros diálogos, justificando minhas motivações pessoais, enfatizando as minhas influências que têm registros marcados em meu próprio percurso escolar e nas minhas experiências construídas ao longo da trajetória profissional, que desembocam no meu ingresso no Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA.

A temática sobre “Educação de Jovens e Adultos” atravessa minha trajetória desde quando tive a possibilidade de acessar a história de vida dos meus pais, quando chegaram em Vitória da Conquista, por volta das décadas de 1960 e 1970. Fazer uma leitura do processo educacional destes períodos foi fundamental para compreender o porquê desde cedo, tiveram que se estabelecer na cidade através do oferecimento da força de trabalho para sobreviverem e, posteriormente, buscaram estruturar-se como família.

Assim, ambos não tiveram nenhuma condição de acesso à educação escolar, entendendo que o ingresso de estudante trabalhador/a, oriundo da zona rural, ou até mesmo de outras localidades em que toda criança estava predestinada ao mundo do trabalho, era impossível perante a realidade histórica da educação do município.

Vale ressaltar que a educação dessas décadas (60 e 70) era de cunho tecnicista e, em Vitória da Conquista – Bahia, não era diferente. A cidade destacava-se em sua microrregião, por conta da forte tendência ao crescimento comercial e

econômico, o que se consolidaria nos anos seguintes. Nesse contexto, emerge à forma excludente da oferta educacional para a população, no que versa o direito à educação básica e consolidação do acesso à educação formal.

Compreender a situação de privação do acesso à educação pela qual meu pai, Agnaldo Lourenço Rocha (69 anos), passou, significa olhar para o passado e perceber as condições de possibilidades que um país oferecia para os jovens, principalmente aqueles que só tinham a mão de obra em trabalhos braçais para oferecer na cidade, geralmente em troca de sua sobrevivência. Foi nesse contexto que a cidade de Vitória da Conquista-BA se encontrava em processo de desenvolvimento que, de acordo com Ferraz (2001), por se encontrar em um “entroncamento rodoviário” entrecruzado com a BR 116 ao ligar o Norte ao Sul do País, a economia cresceu gradativamente a partir da década de 1940.

O crescimento da malha urbana fez a cidade se transformar na terceira maior do Estado da Bahia, sendo que o espaço urbano que se constitui atualmente contou, diretamente, com o auxílio de trabalhadores como o meu pai, que auxiliava nos serviços gerais desde quando “carregava as compras” nas feiras livres até sua atuação como colaborador na construção civil. Enquanto isso, minha Mãe, Zenaide Oliveira Rocha (56 anos), chegava com os seus familiares na cidade, ainda criança, para assumir papéis estabelecidos às crianças deste mesmo período, as quais se submetiam aos trabalhos domésticos em “casas de famílias” para garantir o sustento. Todavia, em torno dessa memória, havia relatos de violências e abusos nos quais as leis atuais amparam e impedem distorções vigentes nessas relações domésticas entre empregado e empregador.

Ao me deparar diante do processo de pesquisa aqui relatado, comecei a analisar minha própria trajetória de vida, questionando o porquê de eu ter sido o único da família a ter conseguido usufruir de privilégios que adquiri através do acesso à educação formal. O encontro dos meus pais trouxe em comum o propósito de proporcionarem aos seus dois filhos, a possibilidade de acessarem a educação formal, ainda que fosse em uma escola particular no Bairro Alto Maron. A luta dos meus pais para que não passássemos pelas mesmas condições de produções, nas quais não tiveram escolhas, garantiu nossa permanência na “Escola Particular Frei Serafim” durante três anos das séries iniciais. Posteriormente, tivemos de ser transferidos para uma escola pública, situada à 3 Km de onde morávamos. Essa distância entre casa e escola era cumprida com o auxílio de nossa mãe, que de lá, seguia para seu trabalho.

O novo espaço escolar emergiu como parâmetro de comparação à escola particular na qual vivenciamos da 1ª à 3ª série, já que os três anos anteriores foram marcados de punições dos professores ao impor o dispositivo de poder do ensino tradicional a partir da “reguada” nas mãos dos discentes que não apresentavam rendimentos satisfatórios a partir da avaliação pedagógica do corpo docente. Talvez seja anacrônico afirmar que a metodologia de ensino que recorro daquele espaço não fosse condizente com as diretrizes e propostas para as crianças e adolescentes presentes no Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, vigente a mais de dois anos naquela época.

E assim, adentramos à “Escola Estadual Carlos Santana”, a fim de continuarmos estudos rumo ao ingresso na segunda etapa do ensino fundamental, que atualmente é compreendida do 6ª ao 9ª série. Logo, o tamanho e dimensão do espaço escolar se diferenciou daqueles que vivenciamos em outrora, tal como as metodologias e experiências das na condição de estudantes. Assim, o tempo pedagógico das aulas de Educação Física era ocupado pelos trabalhos de um grande “Amigo da escola”, Daniel da Silva Coqueiro, o qual contribuiu com a professora que ensinava esta disciplina para suprir a necessidade da carga horária e cumprir a obrigatoriedade da disciplina enquanto componente curricular previsto na LDB.

Eram nessas vivências esportivas com Daniel que tínhamos o compromisso de sermos pontuais durante os “treinos”. Nesse contexto, estávamos sempre em busca da preparação para os “jogos inter-classe”, cujo o objetivo era adquirirmos habilidades e competências para atuarmos nos “Jogos Estudantis Conquistense” promovidos pela PMVC e DIREC-20. Nesse ínterim, essa escola passou a ter sentido e significado em boa parte das nossas histórias de vida, seja pelo fato de ela ter nos apresentado as disputas presentes nas vivências com o esporte, seja pelo fato de termos conseguido superar as disputas sociais que nos colocavam na condição de desigualdade quando tínhamos que nos deslocar até bairro Urbis I, localidade em ascensão social e privilegiada geograficamente em meio ao que Santos e Almeida (2009) denominam de segregação social e lugares de pertencimento em Vitória da Conquista.

De acordo com estes autores, a cidade era dividida em dois lados: “Leste” e “Oeste”, ambas separadas pela atual Avenida Integração (BR 116). O próprio nome tenta apagar a memória de duas localidades não integradas do ponto de vista socioeconômico, em que

O processo de desenvolvimento histórico desta cidade, sobretudo a partir do séc. XVIII, trouxe consigo o desenvolvimento de relações sociais inerentes às suas contradições internas primeiramente do sistema colonial, onde a estrutura social estava alicerçada num contraste étnico-social e, posteriormente, com a implantação do sistema capitalista, onde a estrutura da sociedade assenta-se sob a posição dos indivíduos no sistema produtivo (proprietários dos meios de produção e da força de trabalho). A diferença entre as classes sociais nesse espaço, evidenciada pela posse dos meios de produção, sejam eles industriais, fundiários ou financeiros, cristalizou-se numa divisão sócio-geográfica a partir da construção da BR-116, que, literalmente, divide o município ao meio. (SANTOS; ALMEIDA, 2009, p. 2).

Em meio a esta divisão social, a minha presença na escola também significava o auto reconhecimento de que o espaço que frequentávamos naquele bairro não pertencia à realidade que vivíamos no Alto Maron, visto pela sociedade como bairro periférico da cidade. Era muito constrangedor chegar nossa vez de oferecer a residência para que os colegas pudessem se reunir no intuito de executar algum trabalho recomendado pelos professores, pois não queríamos ser rechaçados pelas impressões que possivelmente encontrariam em nossa casa e, posteriormente, sermos alvo das “resenhas” do grupo socialmente privilegiado.

As disparidades sociais percebidas na escola entre os filhos dos trabalhadores que ocupavam cargos de subempregos extrapolavam os muros da escola, pois o término das aulas próximo ao meio-dia não significava o tão esperado retorno para casa. Muitas vezes, minha mãe tinha que nos conduzir até a “casa da patroa”, onde entrávamos pelos corredores da lateral externa da residência e esperávamos sentados na lavanderia até que patrões almoçassem. E quando minha mãe tinha que deixar tudo arrumado, serviam um pouco de almoço para nós, enquanto ela terminava o serviço para seguirmos o nosso caminho de volta até o outro lado, configurado como o não-lugar da cidade.

Essas disparidades sociais também foram evidenciadas quando somos direcionados para as escolas de Ensino Médio. Enquanto uma maioria dos colegas escolhiam o “Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães” como lócus de continuidade do processo de ascensão social em meio aos privilégios proporcionados por suas famílias abastadas, minha mãe me matriculou no “Colégio Estadual Abdias Menezes”, que de acordo com Silva (2018), mesmo localizada no lado leste (nobre) da cidade de Vitória da Conquista-BA, o “GOT”<sup>1</sup>, como era popularmente

---

<sup>1</sup> De acordo com os estudos de Silva (2018) ao se referir a esta escola como espaço de disseminação da

conhecida, atendia as demandas do alunado oriundo dos bairros populares, como Alto Maron, Petrópolis, Guarani, Urbis VI, entre outros. Assim, foi nesse espaço que iniciei e terminei o Ensino Médio, sentindo-me pertencente àquele público que traduzia a realidade de famílias semelhantes à minha, sendo a escola, naquele momento, a única possibilidade que tínhamos para superar as barreiras que encontrávamos no mundo de trabalho.

A feira livre, a oficina de veículos e a padaria foram lugares que continuaram pertencendo à memória das minhas trajetórias pelo mercado de trabalho, antes de pagar um cursinho, após uma primeira tentativa frustrada de aprovação no vestibular de Educação Física a ser cursado na UESB, Campus Jequié. Dessa forma, assim como a maioria dos jovens da cidade, eu estava fadado a continuar circulando em busca de um trabalho que oferecesse uma condição propícia para sobreviver em meio à desigualdade social consolidada, sendo uma realidade que vivenciei de perto observando a trajetória do meu irmão, Jarbas Oliveira Rocha, que ao desistir dos estudos na etapa do Ensino Médio, depois de ter sido reprovado por duas vezes em seu percurso formativo, até hoje encontra-se sem concluir o ensino médio, ou seja, dentro de minha casa eu tenho vários exemplos do grupo populacional que compõe a EJA.

Como todo diálogo tem um ponto de partida, o meu contato com a formação acadêmica inicia-se com a aprovação no vestibular de Educação Física no ano de 2004, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB campus XII, situado no município de Guanambi/BA. Assim, lembro-me que em minha trajetória acadêmica se destaca os estágios voluntários na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE e no Centro de Atenção Psicossocial – CAPS II. Em ambas as instituições, nota-se o relacionamento com pessoas marcadas por trajetórias de vidas muito particulares, fatos impostos por questões biológicas, ou seja, congênito, ou adquiridas por distúrbios emocionais.

Frente ao exposto, eu poderia ter sido questionado quanto a relação estabelecida entre o atendimento Psicossocial e educação especial, bem como o contraponto existente entre estes e a Educação de Jovens e Adultos. A resposta que

---

Capoeira na década de 1970, a sigla “GOT” era “denominada na época de “Complexo Escolar Abdias Menezes”, criado como “Ginásio Orientado para o Trabalho” – GOT a partir da Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixou Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus<sup>142</sup>. Atualmente é o Colégio Estadual Abdias Menezes, localizado na Avenida Rosa Cruz, Bairro Candeias; situado no lado leste da cidade, considerada área “nobre” de Vitória da Conquista” (SILVA, 2018, p.132).

daria naquele momento seria simples e objetiva: eu poderia apresentar o substantivo “trajetória” como sendo o ponto marcante desse enigma. Cada sujeito apresentaria, em seu próprio percurso na vida, uma singular trajetória com seus “sabores” e “dessabores”, de acordo com a condição sócio-histórica vivenciada por cada um desses sujeitos.

Após a conclusão do curso de Educação Física, em 2009, na cidade supracitada, retornei à Vitória da Conquista para dar continuidade a minha trajetória profissional. Três anos mais tarde, ingresso como Professor efetivo no Instituto Federal da Bahia – IFBA, onde ocorreu meu primeiro contato com a EJA, no ano de 2016. Nesse mesmo ano houve a criação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos – PROEJA. Frente a esse panorama, eu desejava ampliar minha carga horária junto a instituição, fato que não se concretizou em razão do nosso Campi não ter conseguido adesão de estudantes para compor essas turmas.

Os sujeitos atendidos pelas turmas do PROEJA é sumariamente constituído por pessoas que visam a inserção no mercado de trabalho ou, por ora, já estejam alocadas nele, necessitando capacitar sua mão de obra para garantir em “empregabilidade mínima”. O contrassenso se estabelece na consolidação das turmas, quando não observamos público para essa formação. Nesse cenário, se faz necessário um outro estudo para se conhecer o público que poderíamos atender, garantindo êxito e permanência do jovem estudante para esse processo formativo.

Em 2018, tive a oportunidade de trabalhar no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC. O objetivo desse programa era conceder bolsas de estudos para estudantes em formação inicial ou continuada. Nesse cenário, atuei nos cursos ligados à saúde do trabalhador, sempre com a disciplina de Primeiros Socorros. Esse programa admitia, em seu processo formativo, pessoas adultas em busca de capacitação. Surge então um diálogo mais próximo com pessoas interessadas por essa formação. Sendo assim, a sintonia com esse público foi imediata, emergindo em mim o interesse por um Mestrado que estivesse, em seu campo de estudo, linhas de pesquisas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos.

Em 2019, comecei a buscar na web por processos seletivos com vistas a complementar minha formação acadêmica. Em seguida, encontrei abertas as inscrições para o Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, onde realizei minha inscrição, tive a grata satisfação de ser aprovado e

escolhido pela professora Dr<sup>a</sup> Edite Maria da Silva de Faria como o seu orientando. Isso, em verdade, mudou minha vida, já que estar em um Programa de Pós-Graduação, especificamente em um Mestrado, é um desafio constante. E, nesse sentido, o convívio com a professora Edite tem me oportunizado experiências magníficas para minha formação humana e profissional.

Essas trocas de informações tornaram emergente a necessidade de discutir sobre a oferta da educação escolar para o sujeito da EJA, pois é iminente, oportuno e indispensável dar visibilidade ao indivíduo que almeja acessar e elevar a escolaridade com uma formação básica que dialogue com seus desejos e necessidades. Acerca disso, compreende-se o dever do Estado em garantir condições educacionais exequíveis ao processo formativo dos estudantes da EJA e bem como proporcionar um diálogo a respeito do êxito e permanência na escola como possibilidades de superar os desafios históricos de acesso aos direitos básicos, entre eles, da educação escolar. Frente tal argumentação, Carrano et al (2015) advertem que:

[...] percebe-se a criação de uma espécie de sistema precário de escolarização que atravessa tanto o ensino fundamental quanto o médio. Este sistema é marcado por processo de escolarização de baixa infraestrutura e insuficiente formação acadêmica que a escola consegue oferecer e na socialização que possibilita. Uma das peculiaridades desse processo é que os jovens, em especial os jovens pobres, vem sendo os mais atingidos por ele (CARRANO et al., 2015, p.1441)”.

Os jovens negros “marginalizados” constituem o imaginário social de que se envolve com atividades sócias ilícitas e, conseqüentemente, são “criminalizados” e passíveis de luto, conforme o entendimento a respeito de necropolítica presente nos estudos de Mbembe (2018). Deste modo, a juventude “criminalizada” na qual estamos tratando nessa pesquisa se refere a que está “presente nos marcadores socioeconômicos e de raça e etnia, isto é, são jovens pobres, negros e moradores de periferias urbanas”. (COIMBRA & NASCIMENTO 2003. p. 37). Diante disso, o acesso desses sujeitos ao sistema educacional traduz uma problemática social histórica e o não direito, fato pelo qual as desigualdades se consolidaram e se naturalizam, resultando, entre outros problemas estruturais, nas desigualdades de acesso à Educação Básica. Com isso, se constitui o principal grupo populacional matriculado nas turmas de EJA, em todo o território nacional.

Para Dayrell (2003), muitos docentes estigmatizam o aluno jovem ao

observar que:

O que se constata é que boa parte dos professores de EJA tendem a ver o jovem aluno a partir de um conjunto de modelos e estereótipos socialmente construídos e, com esse olhar, correm o risco de analisá-los de forma negativa, o que os impede de conhecer o jovem real que ali frequenta (DAYRELL, 2003, p. 54).

Em concordância com essa afirmativa, recobramos a relevante discussão em tornodas experiências e vivências desses sujeitos no processo de escolarização. Um ponto importante para a reflexão no campo da EJA são as relações étnico-raciais. Para tal, é necessário considerar a trajetória colonial escravista da sociedade brasileira, com vistas a compreender as desigualdades e a segregação históricas no acesso à educação (LIMA, 2003). Nesse sentido, há de se levar em conta a política pública da EJA como ação afirmativa que visa “reparar o débito histórico” perante esse grupo social. Assim, reiteramos que

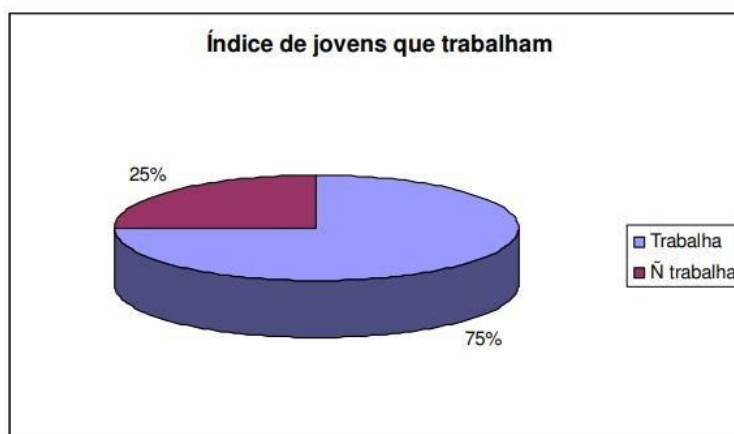
A dificuldade enfrentada pela EJA para ser reconhecida efetivamente como direito pela sociedade e pela gestão educacional está profundamente ligada aos sujeitos a quem ela é destinada, pessoas que em pleno século 21 ainda não são reconhecidas plenamente como detentoras de direitos pela sociedade e pelo estadobrasileiro, a gigantesca maioria delas na verdade, cerca de 70% da demanda potencial e dos matriculados, constituída por mulheres e homens negros, que vivem nas periferias e no campo e que integram os grupos mais pobres da população. A EJA todo o ano recebe milhares de pessoas do grande contingente de alunas e alunos excluídos da educação básica regular, a maioria jovens negros, que por diversas razões voltam e dão “mais uma chance” à escola por meio da educação de jovens e adultos. (GARCIA, 2017 p.36).

Um fenômeno contemporâneo crescente no contexto escolar, o qual é denominado de “juvenilização da EJA” por Larissa Freitas (2015) e Roseli Carvalho (2009), caracteriza o aumento da presença de sujeitos cada vez mais jovens nesta modalidade de ensino. Esse processo decorre de vários fatores, dentre os quais reafirmamos a vulnerabilidade social como vetor de exposição a problemas como drogas, violências e abusos psicológicos e sexuais, dentre outras razões que corroboram com instabilidade emocional do sujeito. Entretanto, não podemos esquecer do “fracasso da escolarização” que a maioria dos sujeitos populares são culpabilizados, mesmo sendo vítimas do processo histórico de negação de direitos, entre eles, por exemplo: a ausência de políticas públicas educacionais desde a Educação Infantil.

A partir desses fatores negativos é possível perceber a ocorrência de sucessivas reprovações, expulsões do ambiente escolar, acontecimento este que, legítima as desigualdades educacionais no percurso de escolarização desses

sujeitos de possibilidades. Esse fator implica, entre outras razões, segundo Carvalho (2009), na aproximação dos jovens com o mundo do trabalho. E nesse sentido, novas relações são estabelecidas, a qual destaca-se o auto-sustento face os baixos salários que compõe a renda familiar desses jovens. Desta forma, o gráfico 1 apresenta de forma quantitativa, a “distribuição da população jovem, conforme atividade de trabalho”, conforme os estudos de Carvalho (2009).

Figura 1: Gráfico de índice de jovens que trabalham.



Fonte: Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2937\\_1947.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2937_1947.pdf). Acesso em 19 de ago. de 2021.

Embora essa informação foi construída e publicada no ano de 2009 ela não apresenta alterações significativas para este cenário, ainda que tenham se passado 12 anos desde então. Em vista disso, o estudo desenvolvido por Eugênio, B. e Souza, T. E. S. (2017) dialoga a respeito dos problemas que envolvem os jovens, sobretudo, os jovens negros da sociedade, o que em parte corrobora com a informação anteriormente exposta, ao denunciar as trajetórias desses sujeitos, seus interesses e insatisfações que versa e contradiz o contexto da política educacional.

Assim, salienta-se que essa ação que se opõe à permanência desses estudantes no processo de ensino e aprendizagem ocasiona distorções fundamentais no que diz respeito à faixa etária dos estudantes da EJA – o que resulta na sua juvenilização – expondo assim as desigualdades existentes em nosso território quando se discute o acesso ao ensino. Nesse contexto, observa-se um fenômeno crescente de jovens com idade entre 15 e 17 anos frequentando turmas da EJA na primeira e segunda etapa ensino fundamental. Em suma, essa movimentação recente de juvenilização da EJA se respalda na falta de oportunidade ou acesso ao ensino, ao passo que se verifica a ocorrência persistente dos casos de reprovações e a

consequente desistência de frequentar a sala de aula.

Nesse quadro, emergem a necessidade e o desejo de analisar e contribuir nas pesquisas sobre a EJA com estudos que protagonizem esses estudantes recém-admitidos ao ensino fundamental. Nessa perspectiva, cabe traçar o perfil dos sujeitos sobre a origem sócio demográfica, territorial, gênero, étnica, trabalho e reconhecimento do seu papel dentro do debate político e social do país.

A EJA como modalidade de ensino com significativa base legal revela seus sentidos, significados, concepções e intencionalidades, conforme, por exemplo, a seção V da LDB em seu art. 37 que trata da Educação de Jovens e Adultos:

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e aprendizagem ao longo da vida

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, 2002, P.8).

Outra questão que propõe direcionamento aos trabalhos na EJA está prevista nesse mesmo Art., porém, no § 3º: “A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento” (ibidem, 1996). Com isso, fica demonstrada a intenção de propor articulação entre o estudante e a educação profissional, como se é visto atualmente; entretanto, no que diz respeito à emancipação dos estudantes e sua vinculação com o trabalho para além das exigências do capital reverberam questões importantes e necessárias. Por exemplo: de que maneira se constrói a vinculação dos jovens populares da EJA com o trabalho e a formação profissional concomitante à Educação Básica de nível fundamental ou médio?

Dentro deste contexto, a Lei 13.005, de 25 de junho de 2014 salienta, em sua meta 10, que se deve “oferecer, no mínimo, 25% (vinte e cinco por cento) das matrículas da educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional” (BRASIL, 1996).

Frente a esse cenário, é propício considerar o Artigo nº 25 da Constituição Federal de 1988, o qual apresenta a obrigatoriedade do Ensino Básico para qualquer

cidadão, a qualquer tempo. Com isso, a EJA tem o seu marco regimental como política a ser desenvolvida pelos gestores de qualquer esfera, conforme sancionado em nossa Carta Magna:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da Família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Considerando as questões sociais apresentadas anteriormente como sendo imprescindíveis para identificar o sujeito da EJA, reconhecendo o percurso sócio-histórico do indivíduo à luz do direito que lhe assiste, no sentido de lhe garantir a permanência no ensino público, faz-se necessário traçar um paralelo entre o que dispõe a Legislação vigente sobre o acesso desses sujeitos a educação e os entraves que impedem a sua realização plena, conforme demonstram os dados de abandono escolar na modalidade de ensino em questão.

Portanto, analisar a juvenilização da EJA torna-se um desafio, especialmente nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental, segmento que concentra maior número de jovens. Frente ao exposto, é possível afirmar que a escolha desse tema se dá pela necessidade de aprofundar os estudos e pesquisas em torno desses sujeitos, compreendendo as razões e complexidades que circundam os jovens inseridos na EJA.

A pesquisa parte de um estudo sobre a realidade vivenciada pelos Jovens estudantes inseridos na EJA, considerando a zona urbana e rural do Município de Vitória da Conquista, onde a Secretaria Municipal de Educação - SMED apresenta um total de 18 unidades escolares, com um público total de 1.592 estudantes da EJA, ou seja, um universo que demonstra expressão em sua totalidade.

De acordo com documentos oficiais da SMED, verificou-se a distribuição das turmas da EJA para o Ensino Fundamental da seguinte maneira: **Segmento I**, faz menção aos anos iniciais do Fundamental I - módulos I (2º e 3º ano); módulo II (4º e 5º ano). Do mesmo modo, distribuí-se o **Segmento II**, igualmente por módulos, porém, avançando as séries, foram identificados os módulos I (6º e 7º ano) e II (8º e 9º ano) para a segunda etapa do Ensino Fundamental.

O desejo de conhecer as concepções didáticas e metodológicas dos professores de Educação Física inseridos na EJA provocam a necessidade de maior análise. A realização de visitas às unidades escolares no ano letivo de 2019 em

Vitória da Conquista-BA, e os diálogos com diretores e coordenadores pedagógicos foram importantes. Nesse ínterim, fomos surpreendidos com a informação de que o município sede da nossa pesquisa não apresentava em seu organograma curricular para a EJA a disciplina Educação Física (EF), permanecendo os docentes, embora presentes na rotina escolar, impossibilitados de realizarem o seu trabalho docente de maneira plena, uma vez que a disciplina visa apenas complementar a carga horária dos professores excedentes. Assim, os professores de Educação Física ficam impossibilitados de traçar qualquer planejamento didático-pedagógico das competências previstas para a disciplina pela LDB, tampouco, realizar avaliações de aprendizagem com os alunos.

A partir desse cenário, aguçou ainda mais o ânimo em pesquisar e colocar como centralidade de estudo a importância de debater a riqueza que a EF pode propor ao estudante da EJA, o acesso a conhecimentos a respeito da Cultura Corporal (CC), competência intelectual considerada essencial para a formação educacional básica, de acordo com a legislação vigente. Essa ideia é amparada por numerosos documentos oficiais que se ramificam a partir da LDB e se tornam bases teórico-metodológicas para os projetos pedagógicos de Educação Física em diferentes unidades de ensino, públicas ou privadas. Vale ressaltar que durante o processo de pesquisa apareceram inquietações quanto ao cumprimento da legislação em vigor.

Sobre esse percurso, deparamo-nos com uma situação paradoxal, de importante reflexão para localizar a EF pelo prisma da legislação. Se, por um lado, a LDB reitera que a EF é um componente curricular obrigatório da Educação Básica, por outro, em seu mesmo *Caput*, sugerem-se alguns casos para a sua facultatividade, como é o caso observado na localidade estudada. É importante perceber que, à luz da compreensão do que venham a ser juventudes na Contemporaneidade, há de se identificar as contradições que expressam a nítida inadequação dos casos facultativos ao público atendido pela EJA juvenil.

Assim, é possível verificar no Art. 26 § 3º a

Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

- I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
- II – maior de trinta anos de idade;
- III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;
- IV – amparado pelo Decreto-lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;

V – (Vetado);  
VI – que tenha prole. (BRASIL, 1996, p.11)

Diante do cenário atual destacamos a Lei 10.097/2000 que propõe às empresas de médio e grande porte a possibilidade de contratação de jovens com idade entre 14 e 24 anos como aprendizes. A inserção desses sujeitos no mundo do trabalho exige a priori, passar por qualificação mínima do que se entende como formação educacional, entretanto, isso não acontece na maioria das vezes. Deste modo, se ratifica práticas que funcionam como “atalhos institucionais” que se amparam de maneira inapropriada nas brechas da Lei, o que encurta e traz prejuízos ao processo de escolarização dos sujeitos inseridos na EJA juvenil.

Aqui, destacaremos a importância da compreensão da imagem corporal, competência trabalhada pela EF na educação básica, para a construção da identidade do indivíduo perante as suas relações sociais, inclusive com o mundo do trabalho. Partimos do entendimento de que a Imagem Corporal consiste em uma complexa rede de identificações que o sujeito faz sobre o seu corpo e a maneira com a qual ele interage com os demais indivíduos e à sociedade à qual pertence, sendo determinante para a construção do autocuidado e a identificação de fatores que possam contribuir ou prejudicar com a saúde daquele corpo, haja vista a contribuição da influência midiática para o desenvolvimento de transtornos alimentares e psíquicos relacionados à aceitação versus a idealização de padrões de beleza.

Desse modo, buscaremos propor reflexões que justifiquem a presença da Educação Física na EJA Juvenil não apenas do ponto de vista formal, como também prático, pontuando a relevância do profissional especialista, a valorização do conteúdo didático, metodológico e suas práticas, com intuito de minimizar ajustes meramente compensatórios de carga horária e proporcionar ao sujeito da EJA vivências corporais significativas, as quais não devem ser subtraídas do processo de formação educacional de qualquer cidadão.

Abordar o tema Educação Física na EJA Juvenil, considerando que as possibilidades de experiências de docência nessa modalidade de ensino, por si só, já nos desafiam no sentido de identificar os fatores que corroboram com suas práticas didáticas e metodológicas na escola, em face das especificidades dos sujeitos. Em vistas disso, torna-se igualmente desafiador pensar a respeito de como propor conteúdos e metodologias que possam contribuir para o percurso formativo, frente aos desafios e limites no contexto escolar.

Um deles é a ausência de políticas públicas educacionais que coloquem a EJA Juvenil como espaço de possibilidades. Com base em relatos de profissionais especialistas inseridos na EJA na Rede Municipal de Ensino da cidade de Vitória da Conquista, expõem o problema da oferta da disciplina apenas para fins de complementação de carga horária de docentes com déficit de turmas para composição da jornada de trabalho mínima.

Diante do exposto que localiza temporalmente a Educação Física como área de conhecimento, surgem as questões: de que maneira os conhecimentos da cultura corporal de movimento são praticados no cotidiano da Educação Física nas unidades escolares que oferecem a disciplina aos Jovens inseridos na modalidade EJA?

Dessa forma, o objetivo geral é analisar a presença dos elementos da cultura corporal de movimento nas aulas de Educação Física considerando o contexto dos Jovens inseridos na EJA do município de Vitória da Conquista-BA.

Além disso, buscamos como objetivos específicos: identificar, junto a SMED, a oferta da Educação Física como componente curricular nas turmas que apresentam jovens na EJA; compreender como se efetiva o trato pedagógico da Educação Física nas aulas com Jovens inseridos na EJA; e propor um plano de formação para professores de Educação Física que atuam com Jovens incluídos na EJA.

### **1.1. Procedimentos Metodológicos**

A metodologia da pesquisa é um conjunto de procedimentos (métodos e técnicas) realizados para a condução do trabalho científico. Por meio do percurso metodológico se organizam os caminhos a serem percorridos para chegar ao fim do propósito investigativo, a partir daí se desenvolve a forma de conduzir o estudo. Segundo Gil, a pesquisa é definida como o

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL, 2008, p. 17).

Conceitualmente, para se iniciar uma pesquisa parte-se do pressuposto da existência de uma dúvida/pergunta, um desejo e/ou necessidade, uma incerteza para

a qual se quer buscar a resposta para determinados assuntos ou fenômenos. Como foi sinalizado anteriormente a pergunta de partida desse estudo contribuirá na produção dos dados a partir das vozes dos professores de Educação Física. Portanto, há de se reafirmar o compromisso com os atores envolvidos, os recursos disponíveis, o tempo e o espaço necessários para levantamento das informações. Assim, o procedimento de investigação foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais (BARROS et al, 2000).

A respeito da abordagem metodológica, optou-se por estudos de ordem qualitativa em razão desse procedimento não se preocupar com representatividade numérica, mas sim, por apresentar de maneira aprofundada a compreensão e organização de grupos sociais. A pesquisa qualitativa destaca-se por apresentar como objetivo da amostra a intenção de produzir o aprofundamento da informação sem fazer juízo quanto ao seu volume, ou seja, não importa o tamanho da informação, o que de fato interessa é a relevância e o impacto da produção de novos conhecimentos.

Assim, segundo Creswell (2007, p.18) “[...] métodos múltiplos que são interativos e humanísticos”. Ainda em conformidade com o mesmo autor e obra, depreende-se dessa informação que o pesquisador qualitativo percebe os “fenômenos sociais holisticamente com visão da pesquisa, de forma ampla e não em microanálise.” (IBIDEM, 2007).

Para Gil (2008), a pesquisa qualitativa proporciona melhor compreensão do problema, gera hipótese e fornece elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. O método qualitativo de pesquisa é aqui compreendido como aquele que se ocupa do nível subjetivo e considera a realidade social do indivíduo, destaca a história, o universo e o significado do motivo.

Para melhor entendimento da pesquisa qualitativa, na próxima seção detalharemos o sujeito pesquisado.

### **1.1.1. O Sujeito da pesquisa e a construção dos dados**

No que diz respeito à formação da amostra, Minayo (2007) explica que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das

relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Nesse sentido, com vistas a obter as informações para a pesquisa delimita-se: O que coletar? Para respondê-la, faz-se necessário delimitar o que buscar na visita ao campo. Dessa maneira, pontuamos a necessidade de dialogar acerca dos desafios da EF na EJA Juvenil, desde a sua afirmação enquanto componente curricular até a investigação dos seus aspectos didáticos e metodológicos.

Sobre quem coletar? Para esse fim, é imprescindível recortar o campo de análise da população estudada e determinar a amplitude de seu espaço geográfico e social. Com isso, como critérios de inclusão adotados para coleta dos dados considerou-se serem: a) ser escola pública no município de Vitória da Conquista; b) possuírem turmas de EJA; c) apresentarem professores de Educação Física em seu quadro docente.

Como se deu a produção dos dados? Aqui se constitui a parte prática do estudo, tratando-se da implementação de um método que nos oportunizou alcançar as informações desejadas. Desse modo, como instrumento para produção dos dados foi utilizado um questionário, cuja finalidade foi nos direcionar para a resposta da nossa pergunta – problema de pesquisa, levando, assim, a alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa e os dados que foram descritos. Para que isso seja alcançado será necessário entrevistar os gestores responsáveis pela administração educacional, os professores de Educação Física da rede pública do Município de Vitória da Conquista, por meio eletrônico, dada as circunstâncias sanitárias atuais (COVID-19). O formulário foi construído com auxílio da plataforma “*Google Doc*” e disponibilizado via “*Google Forms*” para que os sujeitos da pesquisa pudessem ter acesso e responder.

As questões apresentadas visaram, de forma objetiva, entender o panorama local do ensino da Educação Física na EJA considerando o contexto dos jovens inclusos nesse grupo populacional:

- I. Temas Didáticos: formação docente e atuação profissional
  - a. Conteúdos trabalhados nas turmas de EJA Juvenil;
  - b. Planejamento e organização didática para turmas da EJA Juvenil;
  - c. Caracterização das abordagens práticas dos conteúdos trabalhados nas turmas de EJA Juvenil.

## II. Desafios do ensino na EJA Juvenil

- a. Conhecimento e envolvimento com os sujeitos da EJA (experiência na área)
- b. Grau de participação dos estudantes da EJA Juvenil nas atividades propostas.
- c. Observações quanto ao envolvimento dos estudantes nas práticas corporais, considerando o gênero.

### 1.1.2. Análise dos Dados

A organização dos dados foi construída por meio da análise de conteúdo (AC), técnica de análise que visa descrever e interpretar toda classe de documentos, textos e respostas. Existem várias modalidades de análise de conteúdo. Nesta dissertação, empregaremos a análise temática, por sua relação de adequação com pesquisas qualitativas e por possibilitar a organização do fenômeno em três etapas:

Pré-análise: organização do que vai ser analisado; exploração do material por meio de várias leituras; também é chamada de 'leitura flutuante'. Exploração do material: é o momento em que se codifica o material; primeiro, faz-se um recorte do texto; após, escolhem-se regras de contagem; e, por último, classificam-se e agregam-se os dados, organizando-os em categorias teóricas ou empíricas. Tratamento dos resultados: nesta fase, trabalham-se os dados brutos, permitindo destaque para as informações obtidas, as quais serão interpretadas à luz do quadro. (MINAYO, 2007, p. 316, grifo nosso).

Isto posto, é possível compreender essa maneira de tratar os dados com uma busca teórico- prática que se constitui como uma técnica de análise de dados e representa uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias (MORAES, 1999). Com isso, esperamos ofertar maior fidedignidade no que tange ao processo de leitura e interpretação das informações.

Nesse percurso reflexivo, o aprofundamento temático desta dissertação de mestrado se organiza em quatro (4) sessões, começando por essa **Introdução**, seguida pela construção de um referencial teórico que debate os **Diferentes Contextos de Juventudes na EJA**, apresentação de diálogos em torno das **Bases Legais da Educação Física**, e que, por fim, aprofunda as **Análises dos Dados**. Com base nas informações obtidas, é possível desenvolver reflexões e fundamentas que permeiam os conhecimentos da Educação Física na perspectiva da Cultura Corporal.

Diante disso, faz-se necessário conhecer o locus e o sujeito da pesquisa, como será detalhado no capítulo, deste trabalho.

## **2. O LOCUS E OS SUJEITOS DA PESQUISA**

### **2.1. Considerações sobre a EJA na Bahia e em Vitória da Conquista: Primeiras Impressões**

De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a Bahia apresenta uma população em 2020 estimada de 14.930.634 pessoas. Ainda de acordo com o IBGE, o rendimento domiciliar per capita em 2020 foi de R\$ 965,00 de renda domiciliar por pessoa no estado, essas informações foram colhidas a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC).

A Bahia tem sua base populacional constituída pela miscigenação decorrente das relações inter-raciais entre negros (escravizados oriundos sobretudo da África), índios (povos nativos em todo o território brasileiro) e descendentes de europeus. O estado da Bahia tem área territorial de 564.733,177 km<sup>2</sup>, localizado na região nordeste do Brasil.

Sob a ótica da economia, podemos destacar a diversificação desse aspecto com destaque para agropecuária, indústria, mineração, turismo e serviço. Destes, verifica-se uma relativa predominância da prestação de serviço e do turismo. No primeiro caso, o fato se justifica pela crescente informalidade deste segmento, enquanto no segundo é possível compreender a exuberância das nossas paisagens como agente motivador das viagens e do consumo.

O município de Vitória da Conquista, localizado na região sudoeste do Estado baiano, os primeiros povos foram os indígenas Mongoyó, Ymboré e Pataxó. Relatos históricos dão conta que em 1720 um conflito identificado como “Banquete da Morte” foi a causa destaque para o aniquilamento dos indígenas. Em 1891, a Vila foi elevada para a categoria cidade. A tendência cafeeira reorientou a atividade econômica, entretanto, devido à crise do café no final da década de 80, paralelamente desenvolveu-se a produção industrial (Prefeitura Vitória da Conquista, 2015).

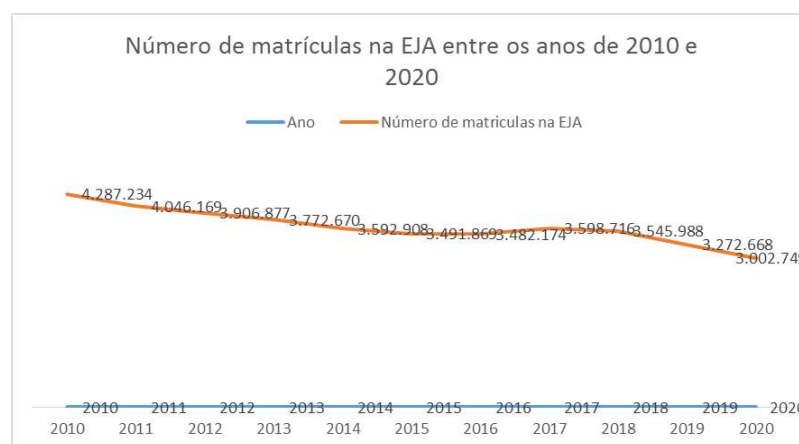
Em 2020, o IBGE apontou o número de 341.128 habitantes para o município à época, com extensão territorial de 3.704,018 km<sup>2</sup>. A atual economia tem destaque principalmente para o setor de serviços, educação e saúde. Outro fator contribuinte para o dinamismo local é a construção civil, impulsionada, sobretudo, pelo programa federal “Minha Casa Minha Vida”.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad, nacionalmente, o nosso índice passou de 6,8%, em 2018 para 6,6 % em 2019. Ainda

estamos longe, contudo, de atingirmos a meta do Plano Nacional de Educação – PNE, definido pela Lei 13.005/2014, o qual estabeleceu como meta reduzir o índice para 6,5% em 2015, além de erradicar o analfabetismo até 2024, um cenário ainda distante em relação ao prazo.

Segundo os dados da Pesquisa Nacional de Amostra em Domicílio – PNAD/IBGE, em 2020, a educação de jovens e adultos contemplou cerca de 3 milhões de brasileiros, sendo esse o menor índice da década, com redução expressiva de 8,3% quando comparado como ano anterior conforme observado na Figura 2:

Figura 2: Gráfico referente ao número de alunos matriculados na EJA na década.



Fonte: Censo ‘Escolar/INEP/QEdu.org.br (2020).

A figura 2 apresenta o número de matrículas nos últimos 10 anos no Brasil, considerando apenas matrículas efetivadas na EJA em áreas urbanas e rurais da rede pública de ensino no Brasil. Cabe ressaltar que as informações aqui aprestadas foram obtidas por meio de pesquisa on-line realizadas no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP). Ademais, a leitura do gráfico presta informação quanto a relação estabelecida no binômio Ano x Matrícula na modalidade de ensino aqui destacada.

Dentre os fatores que podemos destacar como agentes impulsionadores dessa realidade, destacam-se questões socioeconômicas do sujeito, o que gera, de imediato, dois problemas: o primeiro seria o abandono direto do convívio escolar e o outro seria a reprovação. Em ambos os casos, teríamos atraso na trajetória escolar.

A prerrogativa socioeconômica anteriormente mencionada atribui aos jovens de ambos os sexos a necessidade de trabalhar, considerando um cenário no qual as desigualdades só crescem e, analisando as dissemelhanças da EJA, se compreende o

quão injusto tem sido a oferta e permanência do jovem na educação formal. Esse fato, que por muito tempo justificou a criação dessa modalidade de ensino, hoje se mostra como grande desafio frente a necessidade de oportunizar a formação escolar para todos aqueles que buscam concluir o Ensino Básico.

De posse dessa informação e, dialogando com o Gráfico 1, nota-se que em 2010 o número de matrículas na EJA era de 4.287.234 pessoas matriculadas, e 10 anos após, o número de registros oficiais reduziu para 3.002.749 alunos cadastrados nas Unidades Escolares – EU, esta redução demonstra incongruência frente ao processo de combate ao analfabetismo nacional, fato devidamente esclarecido anteriormente com a ineficácia da política de “erradicação do analfabetismo”.

Nesse sentido, faz-se necessário fortalecer o debate em torno do acesso à educação, reafirmar o direito educacional como medida política reparadora prevista na constituição sendo, portanto, uma ação democrática. A partir disso, estabelecer e implementar políticas públicas nas três esferas da política nacional, levando-se em conta as características da população atendida.

Assim, conforme o Decreto Federal nº 5.840 de 13 de junho de 2006, em seu Art. 1º, “...fica instituído no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA”. Nesse programa, entre outras responsabilidades, coube aos Institutos Federais e Escolas Técnicas a oferta de educação profissional de nível médio, técnico integrado ou subsequente. Por outro lado, coube aos estados e municípios a responsabilidade da Educação Básica: ensino fundamental e médio.

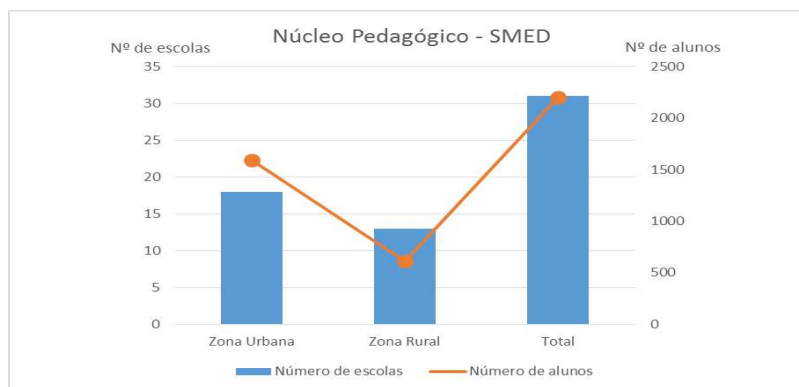
Com isso, as escolas são reconhecidas, por um lado, como espaços de aprendizagem, inclusão, lazer e cultura e, por outro, tem-se estabelecido como o espaço ideal para discussões sobre o mundo do trabalho, da cidadania e do convívio entre as diferentes gerações. A partir de então, a EJA, efetivamente, nasce por influência desse olhar democrático crescente em favor da educação, a partir dos movimentos sociais populares em defesa da escola pública, legitimado legalmente pela Constituição de 1988, abarcando questões históricas e socioculturais que conferem a formação educacional em toda a sua complexidade, ainda mais quando contextualizada com as desigualdades sociais históricas do Brasil. Assim,

é determinado que o Plano Nacional de Educação seja elaborado em concordância com a Declaração Mundial de Educação para Todos, e com base na LDB, foi constituída a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino através da resolução CNB/CEBNº 1, de 5

de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Ressalta-se ainda o direito a jovens e adultos à educação adequada às suas necessidades peculiares de estudo, e ao poder público fica o dever de oferecer esta educação de forma gratuita a partir de cursos e exames supletivos (STRELHOW, 2010, p. 55).

A EJA como modalidade da Educação Básica assume um caráter formativo amplo, sendo imbuída de significados quanto à função social do Estado (BAUMAN, 1999) e enxergada, pelos sujeitos que a procura, como uma forma de inserção social, espaço de possibilidades, construção de identidades e vivências socioculturais diversas. O Gráfico 2 apresenta o número de matrículas na EJA segundo informações obtidas junto à Secretaria Municipal de Educação – SMED.

Figura 3. Gráfico de matrículas na EJA em Vitória da Conquista/BA.



Fonte: SMED (2020)

De posse dessas informações, verifica-se um total de 31 escolas sendo 18 urbanas e 13 rurais. Destaca-se 1.592 estudantes assistidos na sede do município, ao passo que 610 encontram-se na área rural, perfazendo um total de 2.202 estudantes atendidos em toda a EJA municipal considerado ensino fundamental I e II.

No levantamento exploratório sobre a disciplina de Educação Física na EJA observamos que sequer consta formalmente nos documentos de matrizes curriculares (vide anexo 1) para a EJA. Isso corrobora com o cenário supracitado, no qual os professores de EF inseridos na EJA da cidade não cumprem de maneira plena o exercício de docência estando à disposição apenas para cumprimento de carga horária docente excedente.

## 2.2. Os diferentes contextos de Juventudes na EJA

Em 1985, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu o Ano Internacional da Juventude, com intuito de fomentar debates e estudos que referendassem a premissa de que os jovens constituem um grupo que necessita de atenção especial por parte das autoridades públicas de cada país, reconhecendo as suas necessidades e especificidades. Este reconhecimento serviria de parâmetro para que os países pudessem elaborar suas próprias políticas públicas de atenção a essa população, dadas as diferentes realidades socioculturais, políticas e econômicas ao redor do globo.

Embora a ONU considere como juventude a fase da vida vivida entre os 15 e 24 anos, baseando-se na formação fisiológica e psíquica do ser humano como o período em que o sujeito reconhece as suas capacidades de procriação e começa a traçar metas a partir das suas escolhas e gostos pessoais (DAYRELL, 2003), a organização ressalta que cada país pode determinar qual faixa etária corresponde à população jovem do seu território, fato que nos chama a atenção para o pensamento de que estudar o jovem na contemporaneidade é se debruçar sobre um corpus eminentemente diverso e plural.

Focalizando o estudo do tema a partir da realidade brasileira, a última atualização constitucional do tema, para fins de validar políticas públicas e embasar decisões do ordenamento jurídico nacional, foi no ano de 2013, com a publicação do Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013), texto que detalha os direitos previstos na Constituição de 1988 e alargando a faixa etária considerada pela ONU em 5 anos. Dessa forma, ponto de vista legal, o brasileiro jovem está entre os 15 e 29 anos, sendo que entre os 15 e 18 anos, período que o texto considera como adolescência, o cidadão estará amparado tanto pelo Estatuto da Juventude como pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). (BRASIL, 1990)

O fato de a legislação brasileira “estender” a sua juventude, em contraste com o que é sugerido pela ONU e por diversos órgãos internacionais e países, mostra que a realidade do país vai de encontro à ideia de que o final da juventude, aos 24 anos, coincide com o período no qual o indivíduo começa a se perceber não tão mais necessitado de proteção familiar, iniciando o seu processo de independência. Tudo isso resultaria das vivências ocorridas desde o início do processo, aos 15 anos, idade na qual se aponta o reconhecimento da própria capacidade de procriar,

juntamente com sintomas corporais e psicológicos provenientes das alterações hormonais inerentes ao período (DAYRELL, 2003).

Desse modo, pode-se sugerir que no Brasil esse processo de desvinculação do convívio e proteção familiar, bem como de conquista da independência financeira, se dá, em média, de maneira tardia. E isso pode estar relacionado a especificidades socioeconômicas e culturais locais, haja vista a diversidade e pluralidade da população quanto a fatores econômicos, culturais, geográficos e políticos, o que sugere amplas possibilidades de vivências juvenis e, conseqüentemente, o entendimento dessas realidades para a formulação de políticas públicas abrangentes e eficientes para que o jovem compreenda a sua importância no processo de participação social, já que é nesta fase da vida que ele

[...] torna-se capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências, fazendo deste o momento por excelência do exercício de inserção social. Esse período pode ser crucial para que ele se desenvolva plenamente como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem a cada um experimentar e desenvolver suas potencialidades. (DAYRELL, 2007, p. 320)

Assim, há de se falar não apenas na vivência da juventude no Brasil, mas sim em vivências, de naturezas múltiplas e diversas, inseridas em realidades cujas complexidades estão imbricadas em problemas históricos que resultaram em um cenário de desigualdade socioeconômica que faz com que as possibilidades de construção das identidades juvenis no Brasil sejam plurais, dialogando diretamente com uma linha de pensamento que

[...] reconhece múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções, influenciados pelos parâmetros: situação socioeconômica, oportunidades, capital cultural, entre outros. E isso os faz empregar o termo juventudes, para indicar a variação de possibilidades presentes nessa categoria — a diferença de gênero, classe social, raça/cor, local de moradia, condição econômica. (TIELLET *apud* NOVAES 2013, p. 105)

Partindo desse pressuposto, presume-se que as relações estabelecidas entre os indivíduos jovens e a formação educacional também será vivenciada de múltiplas formas, já que, conforme pontuado no capítulo anterior, a Educação Básica não será

acessada de maneira uniforme por pessoas pertencentes à faixa etária considerada jovem. Haverá, então, uma parcela considerável que necessitará da EJA Juvenil para obter a formação educacional básica, o que torna necessário, por parte das autoridades imbuídas da elaboração de políticas públicas para a Educação, trabalhar com a noção de juventude dentro do prisma da diversidade, o que implica,

[...] em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, massim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social (DAYRELL, Juarez, 2003, p.42).

Para além dos problemas sociais históricos enfrentados pelo país, a marginalização pela qual passa esse público, causa principal da dificuldade de acesso à Educação Básica na idade apropriada, é acentuada pelos desdobramentos de políticas econômicas que abraçam

[...] o neoliberalismo, cujas crises têm-se sucedido uma após outra, concentrando a renda, ainda mais, nas mãos de poucos, semeando a miséria, a exclusão, elevando os níveis de desigualdade entre pessoas, regiões e nações, além de aumentar a polarização entre o capital e os excluídos, dificultando a vida de milhares de pessoas. (TIELLET, 2012, p. 108)

Não obstante, essas juventudes procuram a EJA como forma de obter a sua formação educacional básica por acreditarem na educação como única forma de acessar espaços que outrora lhe foram negados, com destaque à empregabilidade e inserção nos espaços de consumo. Buscam, dessa forma, se desvincularem do status de excluídos (BAUMAN, 1999), já que enxergam na educação o caminho para a integração na sociedade, uma vez que relacionam formação educacional com possibilidade de inserção no mercado de trabalho – pensamento que também está imerso em uma lógica neoliberal capitalista.

Ao buscarem a aceitabilidade social por meio da formação educacional básica através da EJA, visando sua consequente empregabilidade, essas juventudes se esquecem, contudo, que

[...] atualmente, as oportunidades escolares já não garantem acesso ao emprego. A escolaridade e a qualificação apenas possibilitam a conquista do status de empregabilidade. É o indivíduo que tem que exercer sua capacidade de escolha, visando adquirir os meios que lhe permitam ser competitivo no mercado de trabalho. (TIELLET; 2012, p. 109)

Desse modo, ao passarem a frequentar a EJA Juvenil com expectativas que, diante da dinâmica política e socioeconômica vigente, poderão ser frustradas, observamos que o atraso no acesso aos serviços de Educação Básica reflete

diretamente em um outro aspecto teórico que a contemporaneidade aponta como fundamental para entender a juventude: o projeto de vida, que, por definição,

[...] pode ser entendido como a ação do indivíduo de escolher um, dentre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida. Os projetos podem ser individuais e/ou coletivos; podem ser mais amplos ou restritos, com elaborações a curto ou médio prazo, dependendo do campo de possibilidades. Quer dizer, dependem do contexto sócio-econômico-cultural concreto no qual cada jovem se encontra inserido, e que circunscreve suas possibilidades de experiências. O projeto possui uma dinâmica própria, transformando-se na medida do amadurecimento dos próprios jovens e/ou mudanças no campo de possibilidades (DAYRELL, 2007, p. 500).

Sabendo-se, portanto, que a parcela das juventudes que busca a EJA para obter a Educação Básica corresponde àquela formada por jovens marginalizados por questões econômicas, étnico-raciais, socioculturais e diversas outras, e que o faz por não ter tido oportunidade de acessar o ensino básico antes, em decorrência dos desafios impostos pelo seu contexto de vida e da própria escola que muitas vezes “expulsam” esses jovens sem valorizar seus desejos e necessidades.

Daí surge a seguinte questão: como esperar que esses jovens pudessem chegar a esse ambiente de ensino com um plano estratégico traçado e com desejo de continuar com seu percurso escolar? Diante de tantos fatores que colocam esses sujeitos em desvantagem, o próprio processo de ensino se dará em concomitância com um período de grandes desconstruções, frustrações e obstáculos pelos quais os estudantes da EJA Juvenil passarão. E é neste ponto que os desafios do docente convergem para um ponto crucial, que é sobre como ressignificar a formação básica na EJA Juvenil, ao passo em que os estudantes vão construindo, concomitantemente, aspectos de sua formação identitária e sua relação com o aprendizado,

[...] de modo que aprender a vida se faz também vivendo, em relações com o mundo, os outros e consigo mesmo. Aprende-se também, a partir da posição sexual e social, e decisivamente, de atitudes pessoais, que com determinação própria instigam o jovem a se relacionar de modo razoável e realista com o saber [...] Nesse sentido, é preciso gerir essa relação ‘viva’ da relação com o saber do jovem pela dinâmica continuidade/ descontinuidade/ especificidade, para que a relação com o saber valorize as relações com o saber já construídas e com a escola em sua especificidade. (COFANNI, et al, 2016, p. 104-105).

É importante considerar, nesse cenário, que a partir do momento em que o jovem entra em contato com a formação educacional e vivencia esse processo na EJA Juvenil, a construção da identidade passa a ser fortalecida através das relações

estabelecidas com o aprendizado no o ambiente escolar e nas novas relações estabelecidas com professores e os conhecimentos das disciplinas. Importante ressaltar que tudo isso ocorre em concomitância, o que torna um processo complexo, haja vista o estágio da vida em que ele ocorre com a adição de problemas estruturais e pedagógicos inerentes ao ambiente escolar.

A partir das desconstruções feitas a respeito do que significa obter uma formação educacional básica por meio da EJA, o jovem inserido nessa modalidade de ensino passa a alinhar os aprendizados com o que conjectura para a o seu novo projeto de vida, que vai se redefinindo ao passo que ele começa a compreender, dentro da escola, a dinâmica do mundo do trabalho, suas possibilidades enquanto estudante ou egresso da EJA e vias de dar continuidade à sua formação educacional fora dela, visto que

[...] quanto mais o jovem conhece a realidade em que se insere, compreende o funcionamento da estrutura social com seus mecanismos de inclusão e exclusão e tem consciência dos limites e das possibilidades abertas pelo sistema na área em que queira atuar, maiores serão as suas possibilidades de elaborar e de implementar o seu projeto [...] a elaboração de um projeto de vida é fruto de um processo de aprendizagem, no qual o maior desafio é aprender a escolher (DAYRELL, 2010, p. 3).

O processo de fazer escolhas não é simples e muitas vezes se dá de maneira turbulenta, em um espaço no qual muitas vezes não há a estrutura correta e/ou completa para exercitar as habilidades propostas pelos planos pedagógicos das disciplinas, sem contar com questões individuais como a rotina de trabalho, estudos noturnos, dificuldade de acesso à escola e os problemas referentes à marginalização desses jovens referente a sua origem e a classe social, que os acompanham até o ambiente escolar. Sendo assim,

[...] as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços (DAYRELL, 2007, p. 1106-1107).

No cenário atual de retrocessos e negação de direitos básicos, as juventudes que frequentam a EJA como modo de alcançar a formação educacional básica acabam por levar todas as suas trajetórias não lineares, de idas e voltas, mas também de resistências e sonhos que corroboraram com a sua condição e, partindo

dessa posição, começará a estabelecer a sua relação com o ambiente escolar e a resignificá-lo, ao passo que começa a construir o seu projeto de vida, já que

[...] a EJA configura-se como uma modalidade de ensino construída a partir da constatação de que os sujeitos socioculturais envolvidos no processo trazem consigo um repertório de vivências e saberes que devem ser tomados como norteadores de suas propostas (PAIVA, 1973, p. 9).

Diante desse contexto, muitos são os desafios do trabalho docente, rever os pressupostos pedagógicos, teóricos e metodológicos tomando como referência as especificidades da EJA Juvenil para as quais a sua atuação enquanto mediador do conhecimento será direcionada, indicando que professores e estudantes passarão por um processo contínuo de (re) constituição mútua das suas perspectivas no ambiente escolar.

### **2.3. Reorientando movimentos em corpos juvenis: os desafios da Educação Física na EJA**

Para além de estabelecer a relação entre a formação básica e a sua constituição enquanto sujeito social, última etapa de vivência da juventude enquanto uma fase de constituição do indivíduo, o sujeito da EJA Juvenil também reconhece a perspectiva de um lugar a ser ocupado: o do trabalhador com formação básica. Outrora, quando ainda havia a ascensão do trabalho industrial, essa posição era comumente encarada com um certo “conformismo” ou até mesmo “conforto”. Entretanto, diante das transformações no mercado de trabalho e a crescente expansão da ideia de se investir no capital humano (SCHULTS, 1992), portanto, de privilegiar a mão de obra qualificada, o estudante da EJA Juvenil passa a julgar insuficiente ou muito pouco o retorno que aquele modelo de ensino lhe dará.

A ideia da aceitabilidade social e da Educação Básica como passaporte para o mercado de trabalho, construída e perpetuada durante anos na sociedade brasileira, se choca com a premissa vigente das relações socioeconômicas que vigoram no país, de que “as instituições educacionais, mormente a escola, devem contribuir para adequar as pessoas à nova configuração do trabalho, de modo que os homens possam estar mais aptos a integrar-se ao mundo da produção e à vida social” (COSTA, 2013, p. 93). Será que esse pensamento norteia a maneira como os estudantes da EJA Juvenil se relacionam com as disciplinas? A sua formação como

sujeito social e as competências que cada área do conhecimento oferece para as suas novas perspectivas se alinham as novas visões de mundo e possibilidades?

Espera-se que a escola possa

[...] dotar o trabalhador de formação geral capaz de desenvolver novos conhecimentos e múltiplas habilidades requeridas hoje pelo mercado de trabalho. Além de conteúdos escolares estritos, a formação deve desenvolver a capacidade de abstração, iniciativa, responsabilidade, senso crítico, enfim, características que os ensinem a sobreviver num mundo onde o emprego não chega para todos (COSTA, 2013, p. 93).

No que diz respeito à Educação Física, disciplina que, conforme pontuado anteriormente, está incluída na Educação Básica com o objetivo de explorar as possibilidades da cultura do movimento do corpo, para fins de reconhecimento das potencialidades da prática para a manutenção da saúde e qualidade de vida, alcance da longevidade e, também, para compreender as diversas modalidades profissionais do Esporte.

A disciplina, para muitos jovens, está presente no cotidiano vivo e vivido fora dos muros da escola. Por outro lado, para os estudantes da EJA Juvenil, o reconhecimento da importância da disciplina e da adesão ao seu estudo e prática na rotina escolar se torna um pouco complexo, haja vista que para muitos estudantes, ainda reside na memória o seu último contato com a disciplina em ambiente escolar, antes de sua escolarização ser interrompida, muitas vezes marcado pelo caráter recreativo ou competitivo que a área do conhecimento recebe, nas primeiras séries do Ensino Fundamental.

O acesso a esse imaginário construído sobre a Educação Física pelo estudante da EJA Juvenil não deve ser descartado pelo professor. Pelo contrário,

O que os alunos trazem nas suas lembranças deve constar como ponto de partida do planejamento. Essas representações podem ser positivas ou negativas. Positivas quando trazem referências de uma educação física integradora e diversa, que não seja pautada apenas pelo esporte e sua organização seletiva. E negativas, se o aluno apresentar dificuldades em romper com certas lembranças principalmente com aquelas que se referem a exclusão, isto é, são premiados os ganhadores, os “mais habilidosos”, pelo maior tempo de jogo, quando em situação de vitória permanecem na quadra aguardando o próximo adversário, em detrimento daqueles considerados “menos habilidosos”, que, ao perder, saem da disputa jogando durante menos tempo, e um número menor de vezes. (BRASIL, 2002, p.16)

Os sujeitos da EJA Juvenil carregam consigo formação básica advinda de contextos socioculturais e econômicos bastante complexos, muitas vezes permeados por contatos com temáticas e questões que envolvem violência física ou enfoques nos quais a relação do indivíduo com o seu próprio corpo é subjugada ou objetificada. Assim como as significações e entendimentos acerca do que a Educação representa para a vida do estudante da EJA Juvenil estão intrinsecamente ligados às suas vivências socioculturais, origem e espaços pelos quais transita, a relação que esse estudante tem com o seu corpo também é imbuída de multiplicidades inerentes ao próprio caráter plural das juventudes. Ademais, essa relação carregará histórico de eventuais problemas relacionados à marginalização e exposição a violências, não aceitação e subjetividades diversas que serão levadas para o ambiente escolar, uma vez que

um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2007, p. 29)

Desse modo, abordagem da Educação Física cumpre na maioria das vezes, para além do papel de desconstruir a imagem de “recreação” que ainda permanece na memória e imaginário de muitos estudantes, contribuir na descoberta e autonomia destes sobre os seus corpos e garantir-lhes a consciente gerência sobre os hábitos que possam proporcionar mais saúde, bem-estar, condicionamento físico e longevidade, por meio da prática da disciplina.

Ademais, pensando em um contexto de vivências nas quais os estudantes da EJA Juvenil, dadas as condições de sua juventude, passam por episódios de invisibilização de seus corpos, o que é característico de qualquer processo de marginalização social, o ambiente escolar da EJA Juvenil, no que se refere à prática da Educação Física, propõe suprir as lacunas sobre a descoberta de si e o autoconhecimento, processos suprimidos por vulnerabilidades diversas. Cabe ao profissional docente de Educação Física, a priori,

reconhecer e lidar com o jovem como sujeito. Implica percebê-lo como realmente é, além da sua condição de aluno. É um indivíduo que ama, sofre, se diverte, pensa a respeito das suas experiências,

interpreta o mundo, tem desejos e projetos de vida. Torna-se necessário escutá-los, considerá-los como interlocutores válidos e, na perspectiva do protagonismo juvenil, tomá-los como parceiros na definição de ações que possam potencializar o que já trazem de experiências de vida (DAYRELL, 2007, p. 3).

Nesse sentido, o profissional direciona o planejamento pedagógico de Educação Física considerando as idiosincrasias e complexidades do estudante da EJA Juvenil, amparando-se em um ponto de vista pluralizado em termos de identidades e subjetividades de vivências. Levando em consideração que esse tratamento se dá em um contexto de ressignificação, pelo estudante, do seu projeto de vida e de como as competências trabalhadas pelas disciplinas da EJA Juvenil podem favorecer as suas novas metas e planos, a construção da cultura corporal (CONTI, 2008) deve permear a abordagem pedagógica, no sentido de tratar sobre a expressividade e consciência corporal como requisitos básicos para exercer qualquer função no mercado de trabalho, fazendo com que o estudante perceba a importância que o corpo tem nos relacionamentos sociais.

Dessa maneira,

o trabalho corporal na escola precisa ser encarado não como técnica de controle disciplinar ou ferramenta acessória de rendimento escolar, mas como política de reconhecimento de si e decomunicação com o outro. A educação da juventude deveria ser pensada, então, como uma estratégia de libertação dos sentidos. A escola pode ser também espaço para que os jovens desaprendam os valores da sociedade de consumo (CARRANO, 2015, p. 204).

Alcançar a autonomia na gerência e entendimento dos seus próprios corpos, por meio do projeto pedagógico previsto para a disciplina de Educação Física na Educação Básica, é de suma importância para os sujeitos dessa pesquisa, uma vez que viabiliza derrubar barreiras que foram construídas pela marginalização e que possam ter encadeado uma relação de conflito entre esses sujeitos e os seus corpos. Esses conflitos desencadeiam, por sua vez, uma série de prejuízos às competências de expressividade, movimento, postura, linguagem corporal, entre outras, previstas na proposta pedagógica da disciplina.

#### **2.4. Educação de Jovens e Adultos: quais perspectivas temos sobre o direito à educação?**

Pensar na EJA é compreender essa pauta como um dever do Estado e um

direito do cidadão. Nesse contexto, emerge a ideia da Educação enquanto direito universal, defendida por estudos e correntes teóricas que dialogam com o debate da EJA enquanto direito constituído socialmente. Com isso, a educação passa a ser vista como um

[...] direito social e como direito público subjetivo universal transforma-se num instrumento importantíssimo para afirmar a liberdade, humanização, cidadania, autonomia e a democracia. Os movimentos sociais populares travam tensas lutas por direito no próprio campo do direito, das normas (FARIA e MOSCOVITS, 2018, p. 399).

Ainda em concordância com as percepções da Educação enquanto direito, é possível compreender os processos educacionais como ações indissociáveis do fazer político, econômico, social e cultural. Esses elementos corroboram com reflexões subjetivas nas quais evidenciam questões políticas em torno da garantia do direito ao acesso à formação educacional básica. Partindo desse pressuposto, a elaboração de políticas públicas para garantia do acesso de jovens e adultos à Educação ampara-se em questões que buscam responder a quem a EJA se destina; quais elementos dão forma ao seu fazer pedagógico; como compreender os movimentos artísticos, corporais, sociais e culturais, na perspectiva do processo de formação do estudante. (SOUZA, FARIAS e COSTA, 2014, p.12).

Nessa perspectiva, encontramos-nos diante de um corpo/sujeito que acessa a sua Formação Básica – FB pela EJA Juvenil, pelo fato de o seu percurso escolar ter sido interrompido por razões já mencionadas, de ambos os gêneros, com idade diversa, oriundo do território urbano ou rural, com enquadramento racial predominantemente preto ou pardo, e que apresenta dificuldade em ser alocado no mercado de trabalho, sendo a ausência de empregabilidade o principal motivo que implica na continuidade desse quadro. Em suma, estamos aqui tratando da falta de oportunidade para educar pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Diante disso, e

lançando um olhar mais atento em torno da EJA, pode-se perceber, hoje, a heterogeneidade do alunado presente na sala de aula. São homens e mulheres, jovens e adultos, negros e brancos, empregados e desempregados ou pessoas em busca do primeiro emprego e pessoas deficientes, em sua maioria moradores de comunidades periféricas dos grandes centros urbanos e em busca da escolaridade como possibilidade para melhoria da sua condição socioeconômica e cultural. (SILVA, 2018, p.23).

A partir da análise do histórico da EJA, observamos a fragmentação e descontinuidade de implementação de políticas educacionais que possam, para além da sua consolidação enquanto modalidade de ensino, demonstrem socialmente “condições favoráveis para se configurar como um campo específico de políticas públicas, de formação de educadores, de produção teórica e de intervenções pedagógicas.” (ARROYO, 2005).

Ademais, nota-se, na sociedade civil, na comunidade acadêmica e em grupos sociais o desejo de enfrentar as mazelas socioeducacionais, de combater os elevados índices que distanciam centenas de jovens do ambiente escolar e que acabam por se colocarem à margem do processo educativo e segue na contramão do combate ao analfabetismo estabelecidos por meio de metas do Plano Nacional de Educação – PNE, Lei 13.005/2014.

A negação do direito ao acesso à Educação ecoa na relação dispare da evasão e oportunidade de ensino, assim, é oportuno esclarecer que: cabe ao Estado, fundamentar ações coletivas e ampliar as possibilidades de acesso à educação. Com isso, o

[...] compromisso dessa diversidade de coletivos da sociedade não é mais de campanhas nem de ações assistencialistas. Um novo trato mais profissional está se consolidando como indicador de que tanto o Estado quanto a sociedade em seus diversos atores são mais sensíveis aos jovens e adultos e a seus direitos à educação. Surge uma nova institucionalidade entre o Estado e a sociedade (ARROYO, GONZALEZ, 2005, p.16).

À luz desse entendimento, ao considerar de forma positiva o aprofundamento do debate em torno do direito à educação, é oportuno refletir como, ao longo desses anos, sobretudo na última década, o processo de inclusão educacional não corroborou efetivamente para reduzir a distância entre os desiguais. Ainda são palpáveis as velhas dicotomias econômicas e as desigualdades sociais, o que faz com que a ressignificação das juventudes, dos jovens e adultos dentro de um processo de integração social não seja assegurada, impedindo-lhes o acesso à formação educacional.

A estigmatização social, cultural e educacional dos sujeitos populares do campo e das periferias revela as injustiças que provocam nos jovens populares a desesperança, a desmotivação, a falta de pertencimento, mantendo-os à margem do processo de legitimação da política afirmativa idealizada para eles na EJA e expõe a dura realidade de desistência e evasão.

Assim,

[...]estou sugerindo é que deveríamos pesquisar mais sobre essa configuração social e cultural dos jovens e adultos populares com os quais trabalhamos. Insisto em dizer que os últimos dez anos foram anos de polarização. Anos de distanciar esses jovens e adultos ainda mais do que já estão distanciados, ou segregados, de um projeto nacional de integração, de participação no trabalho, na riqueza, na cultura e no conhecimento. Pode ser que esta análise pareça um pouco pessimista, mas, talvez, seja realista. Quem convive com esses jovens e adultos deve se fazer essa pergunta: de onde esses jovens e adultos que frequentam a EJA estão mais próximos? Seria dos jovens e adultos das camadas médias? Ao contrário, estão cada vez mais distantes. Na pobreza, miséria, sub-emprego, vulnerabilidade. Esse seria o primeiro ponto que sugiro para o balanço. A partir dessa primeira questão, que seria mais geral, teríamos que ir avançando no balanço e poderíamos destacar alguns outros pontos, que de alguma forma comprovariam o que apresento sobre esse maior distanciamento, essa configuração da especificidade de ser povo, de ser trabalhador, desempregado, de ser jovem e adulto dos setores populares. Quais seriam esses traços que poderíamos destacar? (ARROYO, GONZÁLEZ, 2007).

As políticas públicas educacionais voltadas para a educação de jovens e adultos necessitam partir das necessidades e desejos dos sujeitos como ponto de partida para sua formulação e implementação. Reafirmar a constitucionalização do direito ao estudo é considerar que o Estado não oferta favor nenhum para o sujeito marginalizado nesse processo, cumprindo assim apenas seu dever.

### **3. BASES LEGAIS DA EDUCAÇÃO FÍSICA: DIALOGANDO COM A LEGISLAÇÃO**

#### **3.1. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.**

As Diretrizes Curriculares Nacionais, criadas em 2013 apresentam-se como um documento guarda-chuva da política educacional brasileira, cuja sua finalidade foi consolidar uma base comum nacional responsável por orientar, organizar, articular e avaliar o desenvolvimento das propostas pedagógicas em toda rede de ensino brasileira.

Nesse sentido,

A Educação Básica de qualidade é um direito assegurado pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Um dos fundamentos do projeto de Nação que estamos construindo, a formação escolar é o alicerce indispensável e condição primeira para o exercício pleno da cidadania e o acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos. A educação deve proporcionar o desenvolvimento humano na sua plenitude, em condições de liberdade e dignidade, respeitando e valorizando as diferenças. (BRASIL, 2002, p. 21).

É importante salientar que esse documento remonta orientações curriculares para todos os níveis da Educação, perpassando pela educação infantil, ensino fundamental e médio, discutindo orientação para o ensino das pessoas em privação de liberdade e normatizando o ensino técnico, educação profissional e do campo, além da Educação de Jovens e Adultos, objeto desta investigação.

Nesse sentido, podemos destacar como função da Educação de Jovens e Adultos três aspectos pertinentes a essa modalidade de ensino, a citar: função reparadora, função equalizadora e função qualificadora. Esses três aspectos são conceituados no texto legal, trazendo sentidos e significados diferentes. Aqui, enfatizaremos a função reparadora, que por sua vez, refere-se:

[...] não apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negado – o direito a uma escola de qualidade –, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante (BRASIL, 2013, p. 19).

Em síntese, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica visam estabelecer bases comuns nacionais para todos os níveis da educação. No que diz respeito à EJA, formula orientações que pautam flexibilidade no currículo quanto ao tempo e espaço escolar, visando:

- a) romper a simetria com o ensino regular para crianças e adolescentes, de modo a permitir percursos individualizados e conteúdos significativos para os jovens e adultos;
  - b) prover suporte e atenção individual as diferentes necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem, mediante atividades diversificadas;
  - c) valorizar a realização de atividades e vivências socializadoras, culturais, recreativas e esportivas, geradoras de enriquecimento do percurso formativo dos estudantes;
  - d) desenvolver a agregação de competências para o trabalho;
  - e) promover a motivação e orientação permanente dos estudantes, visando à maior participação nas aulas e seu melhor aproveitamento e desempenho;
  - f) realizar sistematicamente a formação continuada destinada especificamente aos educadores de jovens e adultos.
- (BRASIL, 2013,p. 23).

Frente ao exposto, dentro das premissas que norteiam a formulação dos currículos para a EJA, segundo documento em debate, destacamos a letra “C”, que nitidamente faz alusão aos conteúdos e conceitos da Educação Física, destacando a viabilização das atividades socializadoras, das práticas recreativas e esportivas, pelas quais, como poderíamos gerar enriquecimento por meio do movimento senão pelas práticas da Educação Física? Nesse sentido, temos o entendimento que para as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a educação Física pode sim, vir a compor esse currículo da EJA, gerando enriquecimento e valorização cultural do indivíduo.

### **3.2. Base Nacional Comum Curricular - BNCC**

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais aos quais todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades do processo de formação na educação básica. É importante reiterar que esse documento, assim, como os anteriormente citados, perpassa por várias orientações aos diversos componentes curriculares e trata também em particular da EF, objeto onde centraremos nossas análises.

Nesse cenário, onde se buscar consolidar os conteúdos e abordagens da EF, e afirmá-los quanto ao seu posicionamento crítico, destacamos a seguinte afirmativa referenciada na própria BNCC:

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história.

Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (BRASIL, 2017, p.24).

O documento compila informações relacionadas ao conteúdo da Educação Física, trata de conceitos de Esporte, Lutas, Ginástica, Dança, Práticas corporais de aventura, Jogos populares e Brincadeiras. Outra importante contribuição desse documento refere-se às dimensões do conhecimento (Experimentação, Uso e apropriação, Fricção, Reflexão sobre a ação, Construção de valores, Análise, Compreensão e Protagonismo Comunitário).

### **3.3. Cultura Corporal, Educação Física e EJA.**

Conforme este trabalho já apontou, a EJA é um espaço não apenas de contato com as disciplinas da educação básica pelo seu público-alvo, mas de reencontro com determinadas áreas de conhecimento, por meio de outras abordagens pedagógicas e recortes temáticos, especialmente para aqueles alunos que já tiveram experiência prévia com algumas disciplinas, na época em que frequentaram a formação educacional regular.

No que diz respeito à Educação Física, encontra-se no imaginário dos estudantes abordagens como a prática de esportes, bem como a explanação a respeito da estrutura das competições e temas correlatos, desde as primeiras séries do ensino fundamental, o que fez com que se atribuísse à disciplina um caráter recreativo. Uma vez que os alunos da EJA revisitam as aulas de Educação Física na referida modalidade de ensino, a abordagem que tem sido utilizada pelos docentes ampara-se nos estudos da Cultura Corporal. Nesta seção, será apresentada uma revisão sistemática da literatura, focalizando como o tema tem aparecido em estudos relacionados à Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, na última década (2001-2021).

Segundo BRACHT (1999), a cultura corporal não é em si o objetivo pedagógico da Educação Física, no contexto da educação básica, mas um meio pelo qual se pode estimular os estudantes, através de práxis da disciplina, à reflexão crítica acerca das suas relações com o próprio corpo, enxergando, na corporeidade e no movimento, mecanismos de expressão individual e de interação com o meio e com o outro. Essa concepção se ancora na ideia de que existe um saber orgânico e inerente

que os indivíduos têm sobre as potências comunicativas do seu corpo, o que faz com que o papel da Educação Física seja estimular a autonomia dos sujeitos em relação às significações que o seu corpo e movimentos representam no meio social, sem perder de vista a sua dimensão profissional-pedagógica.

Esse entendimento dialoga com a concepção de conteúdo no contexto da educação, definido como algo que não é inédito, mas nos precede, devido a dimensão humana de nossas relações, vivências e visões de mundo (DARRIDO, S. C., 2016). Assim, no contexto da EJA, a Educação Física se torna um espaço para desconstruções a respeito do imaginário recreativo ao qual comumente a disciplina é relacionada, como também de redescoberta e ressignificação das experiências que os estudantes tiveram com a temática da cultura corporal, seja em momentos passados da sua formação educacional, seja por vivências diversas, em suas trajetórias.

Alinhados às concepções supracitadas, ao refletirem sobre qual seria abordagem metodológica e pedagógica da Educação Física na EJA, REIS e NETO (2014) pontuam que

é necessário levar em conta a condição de estudantes-trabalhadores desses sujeitos: são pessoas que acordam cedo, muitas delas dependem de transporte coletivo para seus deslocamentos, moram longe do trabalho e da escola – algumas vezes estão desempregadas e têm sua luta pela sobrevivência dificultada. Desse modo, o desempenho físico-esportivo dos estudantes não é a meta mais importante a ser perseguida – o que não significa a sonhegação de práticas corporais nos encontros educativos da Educação Física (pág. 640).

Assim, conforme a revisão sistemática a ser apresentada aqui nos aponta, os docentes envolvidos nesse processo têm realizado abordagens que de fato despertam, a princípio, o estranhamento dos estudantes quanto às aulas e atividades de práticas corporais até então desconhecidas, o que possibilita o exercício teórico-crítico acerca das temáticas que envolvem a cultura corporal. Essa abordagem visa desconstruir um equívoco que está engendrado na alcunha de “disciplina recreativa” recebida pela Educação Física no contexto da Educação Básica: a polarização entre “cultura intelectual” e “cultura corporal” e uma suposta valorização da primeira em detrimento da segunda (REIS, José Antônio, NETO, Vicente, 2014).

Ao apresentar a cultura corporal como um segmento da intelectualidade humana e não como algo à parte dela, a Educação Física, sendo parte fundamental da formação do homem, viabiliza reflexões inclusive de ordem econômica e social, uma vez que, como já pontuado neste trabalho, a ideia de formação educacional tem sido

vinculada, cada vez mais, aos pressupostos capitalistas, no que se refere à caracterização dos espaços de construção de conhecimento como espaços de formação profissional e de preparação para o mercado de trabalho.

Frente ao exposto, é válido contextualizar a cultura corporal como elemento da Educação Física e compreender a relevância da pesquisa para consolidação do movimento a partir do olhar científico. Nesse sentido, foi realizada uma revisão sistemática da pesquisa em periódicos e revistas especializadas com interstício de busca na web compreendido entre 2011 e 2020.

Nessa perspectiva, a revisão sistemática passou pela determinação do descritor, nesse caso, foi adotado o termo Cultura Corporal. Posteriormente, delimitou-se as revistas científicas considerando as publicações na área da Educação Física Escolar e o sistema WebQualis, considerando as revistas e periódicos A1 e B2. Assim, foram selecionadas as seguintes revistas: Motriz, Conexões, Motrivivência, Motricidades, Revista Brasileira de Ciência do Movimento e Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Por último, é oportuno esclarecer que a busca foi realizada no período de outubro a novembro de 2021.

Figura 4 - Publicação em Periódicos

<b>Revistas</b>	<b>Nº de Artigos</b>	<b>Ano</b>
<b>Motriz</b>	00	-
<b>Conexões</b>	01	2013
	01	2017
<b>Motrivivência</b>	01	2011
	02	2013
	02	2016
	01	2019
	01	2020
<b>Motricidades</b>	01	2020
<b>Revista Brasileira de Ciência e Movimento</b>	01	2011
<b>Revista Brasileira de Ciência do Esporte</b>	01	2011
	01	2012
	01	2015
<b>Total de Publicações</b>	14	

Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Diante do cenário apresentado e compreendendo a Educação Física como área de conhecimento e fonte de intervenção social, o quadro aqui apresentado, circunscreve os movimentos ligados à cultura corporal como um campo da ciência que visa fortalecer as práticas pedagógicas no ensino da Educação Física. Dessa forma, destacamos a Revista Motrivivência com maior número de produção ligada à Cultura Corporal – 07 publicações. Em seguida, apresentamos a Revista Brasileira de Ciência do Esporte com outras – 03 produções científicas. Destarte, as revistas Conexões, Motricidades e Revista Brasileira do Movimento Humano fecham esse levantamento com manuscritos igual ou inferior a – 02 referencias.

Já a Revista Motriz não apresentou nenhuma produção técnica na área pesquisada, em partes, essa questão pode se justificar pelo grande número de publicações com viés ligado à Ciência Biológica, Saúde e Qualidade de Vida e aos estudos da Biomecânica do Movimento encontrados nesse periódico, fato que nos leva a compreender a distância existente entre o objeto de análise e a revista pesquisada.

Deste modo, as experiências apreendidas com a leitura desses artigos corroboram com a ideia de construção do conhecimento, apresentando o conteúdo da cultura corporal como campo de intervenção da Educação Física Escolar. É importante perceber que essas informações aparecem das formas mais variadas possíveis, que vão desde aspectos mais técnicos até a consolidação de perspectivas mais voltadas a construção histórico-crítica do sujeito. Assim, essas pesquisas transitam com manifestações do Jogo, do brinquedo e da brincadeira na cultura corporal, bem como, abordam temáticas contemporâneas que versam sobre a influência da mídias e redes sociais virtuais no nosso corpo. É importante também registrar a presença da dança e da luta como elementos constituintes de fenômenos culturais desencadeados a partir das pesquisas da cultura corporal de movimento.

Com isso, a seção a seguir leva a diante os dialogos em torno dos diferentes cenários e contextos que a Educação Física contribui e transita por meio da cultura corporal de movimento ao realizar uma busca mais profunda em torno desses periodicos selecionados.

### **3.4. A Educação Física no contexto da Educação de Jovens e Adultos**

Estudar a Educação de Jovens e Adultos, em suas diversas possibilidades, nos permite observar questões particulares que impactam diretamente na formação social

dos alunos. Com isso, o objetivo desta investigação foi analisar a presença da Educação Física na EJA, verificando, por meio das publicações em periódicos, a forma e conteúdo no qual são desenvolvidas as ações teórico-práticas próprias da disciplina, respeitando a interfasada idade e a escolarização dos sujeitos.

Importante pontuar que, até pouco tempo, considerava-se a EJA exclusivamente como uma modalidade de alfabetização tardia para um público específico da sociedade – em geral, pessoas jovens ou idosas que, por motivos socioeconômicos ou outras razões diversas não tiveram a oportunidade de, na “idade adequada”, serem escolarizadas. Sendo assim, cristalizou-se a imagem equivocada de que era um “programa” voltado unicamente à aquisição das competências de leitura e escrita em língua portuguesa (ANTUNES, 2006).

A EJA, entretanto, nasce por influência do novo olhar sobre o acesso democrático à educação, como ressaltado anteriormente, fruto da luta contínua de movimentos populares contra as desigualdades sociais históricas do Brasil e em defesa da educação dos trabalhadores do campo e da cidade, assegurados legalmente na Constituição de 1988.

Assim, a discussão sobre a presença Educação Física na EJA se torna importante, uma vez que a disciplina é componente curricular obrigatório na educação básica e, desse modo, parte constituinte do que se entende por uma formação educacional apropriada, não podendo ser excluída, portanto, do contexto de uma política de educação cujo objetivo é atender, ainda que tardiamente sujeitos que outrora foram privados do direito de escolarização. No que se refere à importância da Educação Física, a disciplina

tem suas ações pedagógicas orientadas para o trato pedagógico com as temáticas referentes ao corpo e ao movimento humano. Assim, a Educação Física deve possibilitar o acesso dos educandos aos conhecimentos produzidos ao longo da história no que tange às práticas corporais que podem ser vivenciadas por meio da expressão corporal. Esse complexo de manifestações ligadas ao movimento humano é chamado de cultura corporal (SILVEIRA, 2015, p. 19).

Ademais,

Acredita-se que o acesso à cultura corporal de movimento é um direito do cidadão, uma perspectiva de construção e usufruto de instrumentos para promover a saúde, utilizar criativamente o tempo de lazer e expressar afetos e sentimentos em diversos contextos de sobrevivência.

Ou seja, oportunizar a apropriação dessa cultura pode e deve se constituir num instrumento de inserção social, de exercício da cidadania e de melhoria da qualidade de vida. Para que isso se concretize, cabe

ao professor apreender os conhecimentos específicos da área e adequá-los à realidade discente (LEAL, MACIEL, 2014, p. 03).

Em concordância com o exposto, com intuito de obter uma visão geral sobre o queas pesquisas em andamento no Brasil estavam focalizando em relação à presença da Educação Física na EJA, realizamos uma revisão de literatura que nos proporcionou identificar as abordagens mais recentes em relação ao tema, bem como o levantamento de problemas que dialogassem com o que buscamos refletir sobre o contexto da EF na EJA de Vitória da Conquista, foco deste trabalho.

Como percurso admitido para análise das informações, foi considerado a seleção dos artigos previamente definidos e agrupados por temáticas afins, com intuito de desenvolver leituras descritivas com base nas informações contidas no método e análise dos resultados. Essa análise de dados “(...) possibilita foco e fidelidade ao universo de vida cotidiana dos sujeitos, estando baseado nos mesmos pressupostos da chamada pesquisa qualitativa” (ALVES, SILVA, 1992).

### **3.5. O professor de Educação Física na EJA: da teoria à prática.**

A educação Física inserida na EJA é a porta de entrada para a vivência do aluno com a cultura corporal de movimento. É notório que este componente curricular, por sua riqueza de conteúdo e experiências historicamente adquiridas por meio do movimento humano, tenha ciência e propriedade para lidar com as práticas corporais, respeitando a singularidade que envolve o sujeito, em especial o indivíduo da EJA.

Assim,

A educação física se diferencia das demais áreas por ter como objeto de estudo o movimento corporal. É uma disciplina que possui um conjunto de práticas corporais como: atividade física e saúde, ginástica, esportes, jogos, danças, lutas, e essas práticas corporais devem ser experimentadas, estudadas, compreendidas através do processo de ensino e aprendizagem das aulas. Levando em consideração todos esses conhecimentos que norteiam a educação física, podemos dizer que esta não é apenas baseada em brincadeiras e esportes como futebol e voleibol, como muitos ainda conceituam a educação física erroneamente, mas sim o estudo do movimento corporal e a aplicação, identificação conhecimentos sobre estes movimentos (...) (MORAIS, 2016, p.34).

Essa dinâmica de conteúdos e sua vasta possibilidade de sua aplicação colocam a Educação Física frente a uma condição ímpar de trabalho, que é o desenvolvimento teórico-prático de suas metodologias. Por analogia, a disciplina

aqui discutida se diferencia das demais em face da instrumentalização do aprendizado na prática, já que o conhecimento que a Educação Física apresenta não é meramente interpretativo pois as atividades e práticas humanas integram o homem ao mundo (MORAIS, 2016, p.37).

Essa discussão de teoria e prática nos possibilita pensar sobre a expressão do componente curricular Educação Física frente a matriz teórica e sistematização pedagógica de seus conteúdos. A organização do trabalho pedagógico deve focalizar

realidades e necessidades do educando na construção dialógica entre teoria e prática na qual ambas se constituem dialeticamente na abordagem de diferentes conteúdos que incluem jogos, ginásticas, lutas, esportes, consciência corporal, em permanente diálogo com temáticas mais amplas como racismo, diversidade, ética, qualidade de vida (CAMARGO, SILVA. et al, 2020).

Ainda em conformidade com o exposto anteriormente, quando direcionado o olhar para a Educação Física e suas abordagens teórico-metodológicas na educação de jovens e adultos, refletindo sobre temáticas abordadas pelos estudos, ainda sim, existem outras tendências ou concepções que merecem destaque. A citar: a concepção biológica, tendências a trabalhar valores de convivência e, por fim, tendência centrada nas práticas esportivas (BRASIL, 2002, p.20).

Para a primeira concepção, o foco do trabalho ampara-se nas questões ligadas à saúde. Nesse cenário, a atividade física é abordada como forma a manter a saúde e o bem-estar, com destaque para técnicas de alongamento, massagens e conhecimento sobre corpo. De modo antagônico, a tendência de práticas esportivas reduz o conteúdo às competições interturmas e interescolas, apresentando a justificativa de desenvolver valores como solidariedade e respeito e promove uma *pseudo-integração*, uma vez que muitos estudantes da EJA não são devidamente contemplados e envolvidos com essas ações. Por fim, a tendência de trabalhar os valores de convivência resume de forma universal as propostas existentes atualmente na Educação Física e ancora-se em instrumentos que buscam promover cooperação, integração e respeito, centrando a observação na aprendizagem específica da área, sobretudo, para os alunos da EJA (BRASIL, 2002, p.23).

Por meio da metodologia empregada, foram identificados dezesseis estudos que contemplam a presença da Educação Física no contexto da Educação de Jovens e Adultos, utilizando a última década. Vale ressaltar, aqui, o pequeno volume de trabalhos que se dispõem a discutir a temática, o que nos sugere um baixo interesse em considerar a Educação Física como parte integrante fundamental da formação

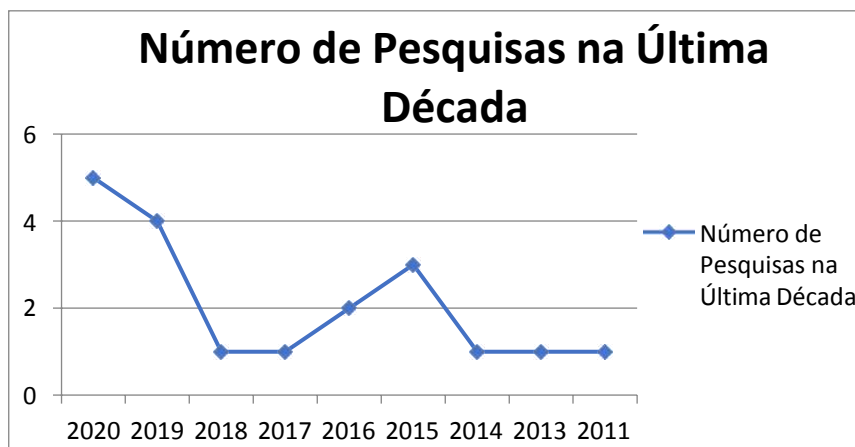
educacional de um indivíduo, negando assim o que se dispõe na LDB. Isso reflete, por sua vez, a realidade na qual se debate a importância da referida disciplina na educação básica regular, fora da modalidade EJA, já que

A Educação Física como componente curricular obrigatório da Educação Básica (BRASIL, 1996), tem se tornado objeto de debates e discussões entre estudiosos da área, no que diz respeito à sua desvalorização no contexto escolar. O profissional de Educação Física, muitas vezes encontra-se à margem do contexto escolar, e, sua real função na escola não é valorizada entre os integrantes da comunidade escolar, sendo considerada uma “disciplina complementar”, menos importante do que Matemática, História ou Língua Portuguesa. (DOIRADO, et al, 2019, p. 03)

Como, portanto, viabilizar a prática pedagógica da Educação Física no contexto de programas educacionais aos quais, historicamente, foi aplicado o estereótipo de projetos de alfabetização para adultos e idosos? Esta revisão bibliográfica esbarrou-se nas reverberações desse discurso, adicionado o problema de que na própria educação básica, a referida disciplina passa por percalços quanto à validação de sua importância no currículo acadêmico, haja vista a ausência de profissionais especialistas na condução das práticas corporais. Em tempo, relembramos que a presença do componente curricular EF não está descrita na matriz curricular do município sendo suas atividades realizadas de modo contraditório ao que está previsto nos documentos oficiais do município.

Não por acaso, ao analisar as pesquisas da última década utilizando os descritores “educação física”, “EJA”, “proeja” e “educação de jovens e adultos”, quatro dos dezesseis estudos selecionados conforme o foco desta pesquisa apresenta, em seus títulos ou na abordagem textual, dois polos que identificam, por um lado, a dificuldade em se estabelecer um projeto pedagógico de Educação Física na paisagem da EJA e, de outro lado, as eventuais soluções ou possibilidades aventadas pelas buscas que profissionais inseridos nesse contexto fazem, por meio de sua prática docente (vide gráfico abaixo).

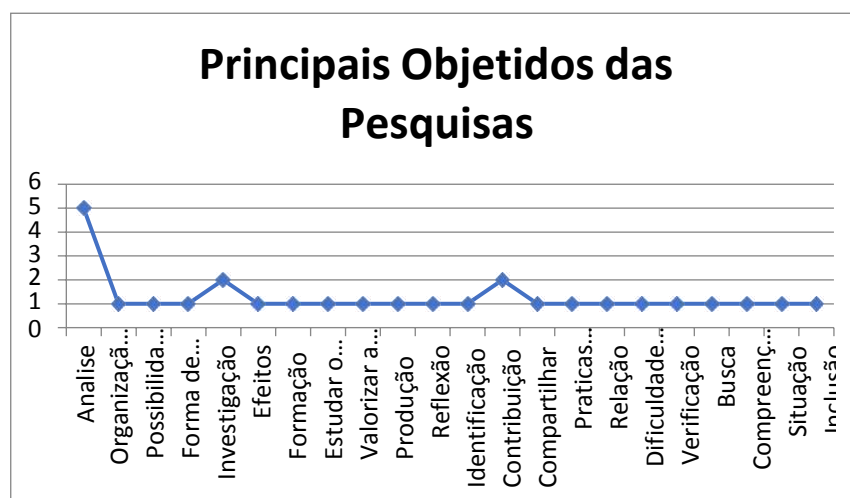
Figura 4: Gráfico referente ao número de pesquisas na última década.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Há, portanto, a ratificação do problema que a disciplina sofre na Educação Básica e que reverbera no contexto da EJA, de ser considerada como um componente curriculaessencial à formação educacional do indivíduo, ao passo que nos aponta uma perspectiva experimental, por meio de estudos de casos e revisão bibliográfica, das possibilidades de atuação do professor de EF em turmas da EJA. Assim, conforme poderá ser notado quando da sistematização desses resultados, identificamos a predominância de antagonismos que versaram discussões entre: Desafios e Possibilidades; Problemáticas e soluções, inseridos em um universo no qual os recortes apareceram como investigações sendo uma contribuição para a organização didática da disciplina no contexto da EJA.

Figura 5. Gráfico referente aos principais objetivos das Pesquisas.

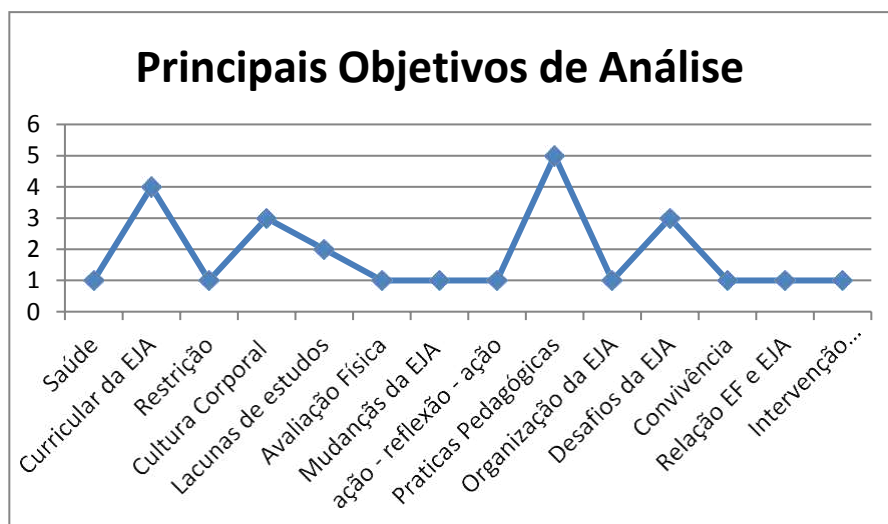


Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Esse prisma de assuntos relacionados ao tema subdivide-se em ramificações

teórico-metodológicas a respeito das especificidades que a Educação Física apresenta no contexto da EJA Juvenil. Assim, os trabalhos levantados durante a revisão bibliográfica são diversos, ao explorarem os binômios acima pelo ponto de vista de temas como saúde, currículo, práxis pedagógicas, presença da EF na EJA como política educacional, entre outros, conforme pode-se verificar abaixo:

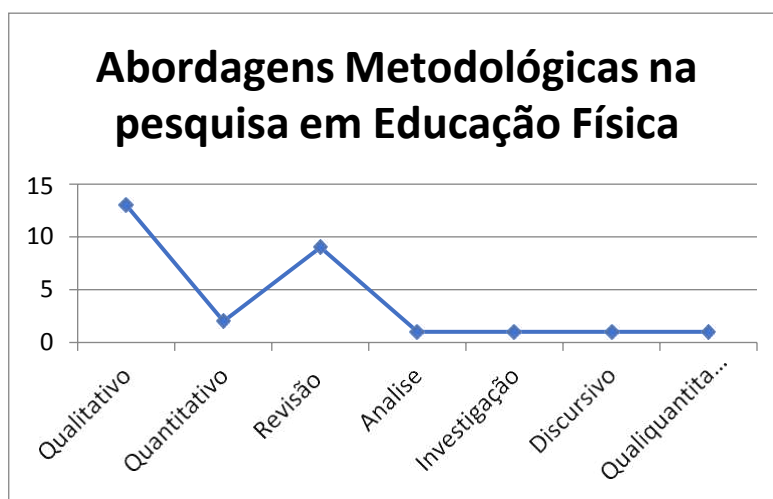
Figura 6. Gráfico dos principais objetivos de análise.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Em termos das metodologias empregadas pelos trabalhos encontrados durante a revisão bibliográfica, observou-se, na última década, a predominância de pesquisas qualitativas e de revisão de literatura, conforme observado na figura 7:

Figura 7. Gráfico das abordagens metodológicas em EF.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

### **3.6. Desafios e Possibilidades da Educação Física na EJA: O que dizem os estudos analisados.**

O primeiro dos quatro estudos selecionados para compor a revisão desse estudo a partir dos descritores: “Educação Física”, “EJA”, “PROEJA” e “Educação de Jovens e Adultos” usados para a seleção de artigos nas bases de dados (DOIRADO, LOPES, GOBBO, ALBUQUERQUE, 2019, p.5). Este é um dos estudos que, entre os quatro selecionados, não possuem, no seu escopo de discussão, os polos apresentados anteriormente, focalizando a abordagem apenas sobre as questões que tornam problemática a prática pedagógica da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. Por meio de uma revisão teórica e bibliográfica acerca do tema, os autores discutem as consequências dos conceitos equivocados acerca da disciplina de Educação Física, com base em ideias de modelos de educação que privilegiam a formação profissional e a instrumentalização do estudante para o mercado de trabalho.

O trabalho faz também uma revisão histórica da desvalorização da Educação Física na própria Educação Básica para mostrar como o problema reverbera no contexto da EJA, acarretando dificuldades de se criar um ambiente eficiente para o ensino-aprendizado das competências previstas para a disciplina. A revisão histórica apresentada pelo estudo se dá por meio da exposição dos entraves legais e dispositivos publicados, ao longo da discussão da LDB, para que se firmasse a obrigatoriedade da Educação Física no currículo escolar. Para os autores,

Apesar da LDB, apresentar em seu texto orientações acerca do papel da Educação Física na escola, buscando garantir o lugar da disciplina como componente curricular, deixando de ser considerada apenas uma atividade extracurricular, é sabido que historicamente no espaço escolar, o papel que a Educação Física tem assumido historicamente contribuiu para a construção de um estereótipo da disciplina que faz com que os alunos, professores e a comunidade escolar, bem como a sociedade de maneira geral, tenham dificuldade de reconhecer a importância da disciplina no processo educativo, assim como valorizar o professor de Educação Física e suas aulas como parte integrante do Projeto Político Pedagógico da escola. Ainda hoje em muitas escolas, a Educação Física é considerada como atividade extracurricular voltada para objetivos diversos como o treinamento, a saúde e o lazer (DOIRADO, et al, 2019, p. 08).

O segundo estudo tem como título “Os desafios das práticas pedagógicas da Educação Física no Proeja” (LEAL, Matiele; MACIEL, Rochele, 2014). Como nota-se pelo título, este é o segundo estudo que não aborda o binômio Dificuldades x Possibilidades acerca da prática pedagógica da Educação Física no contexto da

EJA. O estudo que, de acordo com as autoras, foi motivado pelas reflexões oriundas do Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos da Universidade de Caxias do Sul, debruça-se sobre as questões históricas e estruturais que dificultam o trabalho de profissionais de Educação Física inseridos na EJA.

A metodologia empregada pelas autoras contemplou uma pesquisa de campo em programas da EJA nas cidades de Bento Gonçalves/RS e Panambi/RS, de modo que pudessem fazer uma análise qualitativa das práticas docentes nessas localidades, apontando assim as dificuldades encontradas pelos profissionais de Educação Física. Foram apontados problemas como a dificuldade de realização das aulas no período noturno – turno em que, comumente, os programas da EJA ocorrem – bem como infraestrutura dos locais de aula, ausência de quadras e até mesmo a disposição dos horários para a realização das aulas de Educação Física. Trata-se de um estudo, portanto, que nos aponta os percalços práticos dos professores em seu cotidiano de ensino na EJA. Ainda segundo as autoras, as dificuldades vivenciadas pelos profissionais pesquisados refletiram, no contexto da instituição da Educação Física como componente curricular fundamental para a EJA, na dificuldade de se encontrar campos para o próprio estudo, já que

O percurso de encontrar professores de Educação Física que atuem no Proeja não é tarefa fácil, pois, nas diversas instituições de ensino que oferecem essa modalidade de ensino, o corpo docente dessa área de conhecimento é constituído por contratos temporários, com baixa carga horária (algumas vezes organizada em apenas um semestre) (LEAL, 2014, p. 06).

O terceiro estudo selecionado intitula-se “A Educação Física e o Idoso na Educação de Jovens e Adultos” (NASSER, 2012) e tem como recorte a especificidade da presença de alunos idosos nos programas de Educação de Jovens e Adultos. As autoras utilizaram como metodologia a pesquisa de campo, de caráter qualitativo, em quatro escolas da rede de ensino de Várzea Grande/MT. Os resultados obtidos revelam o problema do desinteresse do alunado pela disciplina de Educação Física e os desafios de abordagem pedagógica nos quais esbarram os profissionais da disciplina, ao se depararem com turmas heterogêneas em termos de faixa etária, sabendo-se que

Há uma grande parcela de idosos, que não acessaram a escola em idade própria. Portanto, compreender o perfil desses educandos é imprescindível para reconhecê-los enquanto sujeitos com diferentes experiências de vida que são muito significativas no processo educacional, e que devem ser consideradas para a elaboração do currículo escolar, que configura uma forma diferenciada de ensino aprendizagem, já que possui características próprias, distintas do Ensino

Regular (MARINGÁ, 2008, *apud* NASSER e GUABIROBA, 2012 p. 9).

Em contrapartida, este é um dos estudos que, no escopo de sua discussão, se debruça também sobre as possibilidades pedagógicas e oportunidades que a EJA, em especial no contexto de alunos com mais de 60 anos, que foi o recorte do trabalho, são enxergadas pelos profissionais de Educação Física. Observou-se o interesse, pelos sujeitos especificado, de questões inerentes à ramificação da disciplina, como longevidade, alimentação saudável, autoestima e bem-estar pessoal, o que possibilitou, segundo as autoras, que os profissionais pudessem ter uma base para que seu planejamento pedagógico pudesse contemplar esses pontos de interesse desta parcela da comunidade discente, por meio de atividades lúdicas e exercícios diversificados. Para as autoras, no que diz respeito à abordagem da Educação Física relacionada à saúde,

a qualidade de vida está relacionada à autoestima e ao bem estar pessoal, ou seja, o próprio estado de saúde e a independência para realizar atividades diárias e, também, o relacionamento deste com outras pessoas criando novos vínculos de amizade. Portanto com o aumento significativo da população idosa dentro das salas de aulas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a disciplina de Educação Física embora facultativa para alunos acima de quarenta anos, é tão importante quanto as demais, que leva o educando a uma vivência da cultura corporal que o levará a um conhecimento que será utilizado no seu dia a dia, ou seja, no trabalho, em casa ou na escola (NASSER, 2012, p. 41).

O quarto estudo selecionado por esta pesquisa tem como título “Educação Física e sua Importância Pedagógica na Educação de Jovens e Adultos” (BLOCK, 2015. p.6). A pesquisa, de caráter exploratório e abordagem qualitativa, foi realizada em dois centros de Educação de Jovens e Adultos, nas cidades de São Miguel do Oeste/SC e Santo Amaro da Imperatriz/SC – Santa Catarina. Neste estudo também identificou-se o contraste entre Desafios X Possibilidades no contexto da Educação Física na EJA, já que o seu objetivo fora compreender as motivações que conduzem os alunos a frequentarem as aulas da disciplina, de maneira a compreender como essa análise comportamental dos discentes influenciava o planejamento didático e pedagógico dos profissionais inseridos nesse contexto.

Por meio da aplicação de questionários com os alunos dos referidos centros de educação, a autora concluiu que

a participação dos estudantes nas aulas está diretamente ligada aos conteúdos propostos. O conteúdo faz com que as aulas de Educação

Física tornem-se tão importante para todos, inclusive para os alunos da EJA. Por ela ser uma disciplina muito abrangente, a qual também trabalha com exercícios físicos, saúde, qualidade de vida, fazendo com que haja uma maior possibilidade de formarmos um cidadão mais desenvolvido nos aspectos cognitivo, motor e social. Já na questão que envolve a importância das aulas de Educação Física, apenas 3% dos alunos não considera ela uma disciplina importante, em contrapartida o restante dos entrevistados (97%) acredita que a Educação Física seja uma disciplina fundamental para seu dia a dia. Na justificativa dessa questão, muitos deles colocaram que acreditam que a educação física seja importante, pois ajuda na manutenção da saúde e bem-estar (BLOCK, 2015, p. 10).

No artigo “Atuação do profissional de Educação Física na EJA: Desafios e Soluções” (CARDOSO, SILVA, BARROS, VIEIRA, DE CARVALHO, 2018), também selecionado por esta pesquisa, os autores tratam especificamente das possibilidades de prática docente dos profissionais de Educação Física que atuam na EJA, em consonância às dificuldades advindas deste contexto. A metodologia empregada foi uma revisão bibliográfica, segundo os autores, “com enfoques nos seguintes temas: A profissão do educador físico; A atuação do educador físico na EJA; A importância da Educação Física na EJA e os benefícios oferecidos à comunidade”.

Os resultados encaminharam para a conclusão de que aspectos estruturais dos centros de educação que fornecem a EJA (falta de quadras, iluminação inadequada para os turnos da noite, caráter facultativo da Educação Física, por exemplo), bem como questões de ordem socioeconômica dos estudantes desses programas são os principais desafios apontados pelos teóricos acessados. Em contrapartida, apontam que mecanismos como a interdisciplinaridade e o trabalho conjunto são vetores que causam a adesão às aulas e impedem a evasão escolar.

Em “Educação Física na EJA: Desafios e Possibilidades” (GOLDSCHMIDT FILHO, CRUZ, BOSSLE, 2016), o binômio Desafios X Possibilidades é trazido à luz a partir de uma revisão bibliográfica científica sobre o tema, em periódicos classificados de A1 a B5 e no banco de teses da CAPES, utilizando os descritores “Educação Física” e “Educação de Jovens e Adultos”. Desse modo, os autores levantaram um banco de dados composto por 12 estudos sobre a referida temática, e, ao longo das discussões presentes no texto, focalizaram questões como a escassez de estudos relacionados à Educação Física na EJA nos periódicos acadêmicos enquadrados nas categorias acima, bem como reflexões sobre a Educação Física como instrumento de transformação para os alunos da EJA, debruçando-se sobre a viabilização de abordagens entre os temas da disciplina e a

saúde e manutenção do bem-estar como possibilidades que ampliam o leque de práticas pedagógicas e que, eventualmente, resultam em maior adesão dos discentes à disciplina.

Assim, é notável o verdadeiro papel da Educação Física, sobretudo, quando se depara com sua relevância estabelecida no processo de ensino e aprendizagem, é fundamental apresentar a importância das atividades físicas educativas, não apenas sobre a ótica de desenvolvimento do corpo, mas, prioritariamente sobre todos os aspectos que integraliza o desenvolvimento do sujeito. A discussão em pauta repercute a presença do professor de Educação Física no ambiente escolar, na plena aplicação de conceitos e conteúdos e, de sobremaneira, na busca para que a escola assuma e protagonize a formação global e multidisciplinar do aluno, o que irá conduzir invariavelmente a formação integral do sujeito na EJA (ALMEIDA, CAUDURO, 2007. P. 12).

A construção dessa revisão bibliográfica nos fez deparar com abordagens pontuais em municípios em sua maioria afastados das grandes metrópoles e onde os pesquisadores optaram em estar inseridos, além disso, ratificou a importância do trabalho a ser desenvolvido em Vitória da Conquista por esta pesquisa, no que tange à análise da situação da EF na EJA bem como na elaboração do produto/trabalho pedagógico que se realizará como resultado dessa pesquisa.

Nessa perspectiva, notas-se a presença do jogar, do brincar como ferramenta de aprendizagem e interação entre os jovens estudantes no ambiente escolar, sobretudo, nos primeiros anos do ensino fundamental. Desta maneira, tanto para a criança quanto para o jovem, a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento capaz de resolver problemas e, com orientação de um adulto, nesse caso, a figura de um professor, o sujeito seja capaz de resolver as questões que lhes são apresentadas, Ottopaulo Böhm (2015).

Outra relevante questão diz respeito as práticas corporais de aventura, nesse caminho temático, apresentamos aos docentes o questionamento quanto ao uso e aplicação dos conteúdos das práticas corporais de aventura, sendo averiguado as ações urbanas e de natureza. Nessa direção, partindo do pressuposto conceitual que são práticas corporais manifestadas no âmbito do Lazer, com riscos e balizadas por fortes emoções, indubitavelmente, essas práticas físicas são inovadoras e diferenciadas para as vivências corporais dos estudantes.

Assim, podemos exemplificar o arvorismo, a escalada, o rafting como sendo

exemplos de praticas corporais na natureza. De modo similar, as aventuras urbanas buscam propor as mesmas sensações e moviementos estando nas cidades, assim, o parkour, o slackline, o skate são exemplos urbanos para essas práticas corporais de aventura.

Dadas as condições geograficas da cidade, é compreensível as dificuldades encontradas pelos docentes na tentativa de se implementar as práticas na natureza, talvez por isso, não foi encontrado nenhum registro de professor que tenha tentado aproximar esses dois universos. Por outro lado, as pratica de aventura urbana mostraram-se mais aplicáveis e eficientes para este cenário, com 60% de registros apontados pelos entrevistados, isso reforça o potencial que temos no sentido de diversificar a gama de prática corporais para os jovens estudantes da EJA, sempre com olhar direcionado a pesquisa e descoberta de novas possibilidades.

Desta forma,

Enquanto área de conhecimento e fonte de intervenção social, a Educação Física como componente curricular, consegue dar conta de forma específica e profícua da abordagem de temas que relacionam a práticas corporais ao meio ambiente e à natureza. O esporte de aventura proporciona ao profissional de Educação Física essa plataforma de trabalho (PAIXÃO, 2017).

Considerando o contexto das possibilidades pedagógicas aqui retratadas com o proposito de revelar a Educação Física como protagonista frente aos elementos da cultura corporal, convém, nesse instante, discutir a presença das lutas como tema gerador das aulas de Educação Física na EJA.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

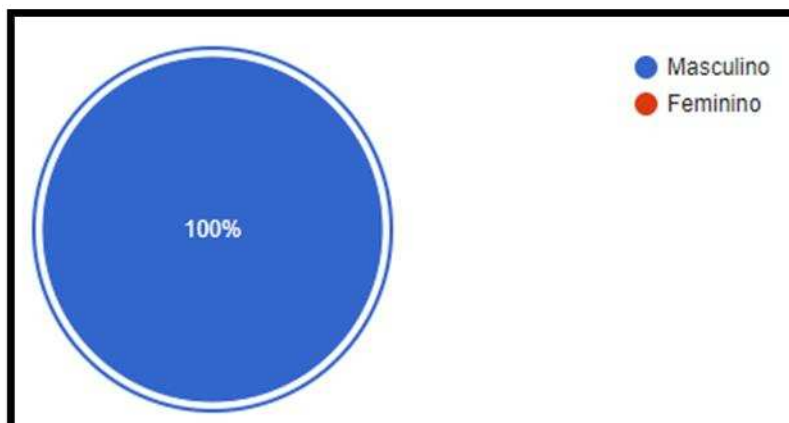
As questões pelas quais este estudo foi norteado permitiu que, ao longo da execução da abordagem teórico-metodológica escolhida, pudéssemos incluir questões inerentes à relação do profissional de Educação Física com um contexto complexo de atuação, como a Educação de Jovens e Adultos. O trabalho, desse modo, viabilizou ressaltar as vozes desses professores, por um espectro amplo de enfoques temáticos quanto às práticas e rotinas presentes na EJA do município de Vitória da Conquista. Nesse sentido, há de convir que nosso instrumento de pesquisa foi a unidade norteadora para melhor entender o mundo da EJA que estamos tratando e como a sua relação com a Educação Física tem se desenvolvido.

Elementos primários, vinculados ao exercício da docência foram abordados com intuito de compreender as reais circunstâncias nas quais os professores e estudantes estão inseridos. Outros eixos de investigação foram inseridos ao longo do trabalho, de maneira a viabilizar a compreensão das realidades e disparidades estruturais e físicas dos diferentes ambientes escolares visitados. Assim, esses aspectos foram determinantes para que a pesquisa pudesse vislumbrar um panorama do cenário atual dos profissionais de Educação Física diante dos desafios impostos pelo contexto da EJA, sem deixar de fora as implicações dessas práticas na formação educacional buscada pelos estudantes.

Com essas condições essenciais estabelecidas, o recorte proposto, caracterizado por concentrar a investigação no município de Vitória da Conquista, viabilizou a análise sobre a presença da Educação Física e o uso dos elementos da cultura corporal no contexto dos jovens inseridos na referida localidade. Dito isto, nesta seção, apresentamos resultados e informações que formam o banco de dados levantados para as reflexões propostas.

Inicialmente, o nosso corpus foi composto por docentes que atuavam em turmas que incluem jovens inseridos na EJA. Importante salientar que não foram encontradas profissionais do sexo feminino sob esse recorte, como demonstra a Figura 8. Nesse sentido, 05 (cinco) foram os sujeitos, todos do gênero masculino, com média de idade oscilando entre 23 e 45 anos. Nesse lugar, emerge a primeira consideração, apenas 05 são os profissionais habilitados em Educação Física que atuam diretamente com os Jovens na EJA, em Vitória da Conquista.

Figura 8. Gráfico demonstrativo da predominância de sexo entre docentes

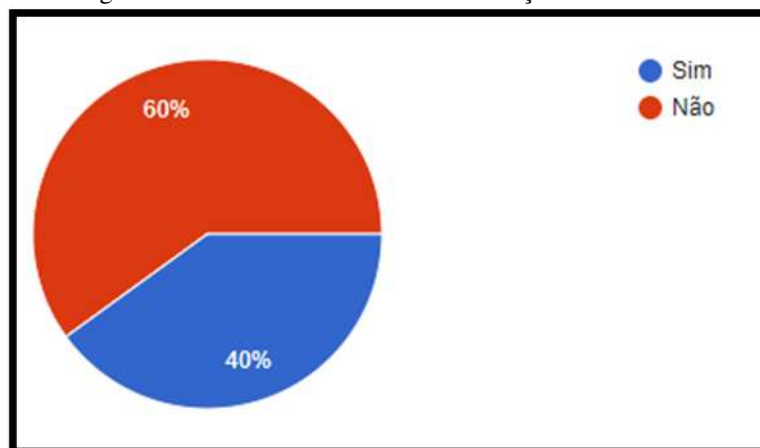


Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Uma vez identificado o quantitativo de profissionais que atuam na EJA de Vitória da Conquista, buscou-se conhecer a sua formação acadêmica, no intuito de descobrir em se havia cursos de pós-graduação ou cursos voltados para a Educação de Jovens e Adultos. Ao buscar esses dados, a pesquisa também visou identificar o eventual interesse prévio do profissional em atuar na EJA, haja vista que a concentração de sua formação acadêmica nessa temática poderia ser um indicativo.

No que concerne à graduação, conforme demonstra a Figura 9, foi possível destacar a dupla formação em Geografia e Licenciatura em Educação Física em 01 (uma) ocorrência, no restante, o predomínio se dá para os Licenciados em Educação Física com uma ressalva, se observou (01) um profissional com habilitação também em Bacharelado para o componente curricular supracitado.

Figura 9. Gráfico demonstrativo de formação em outra área.

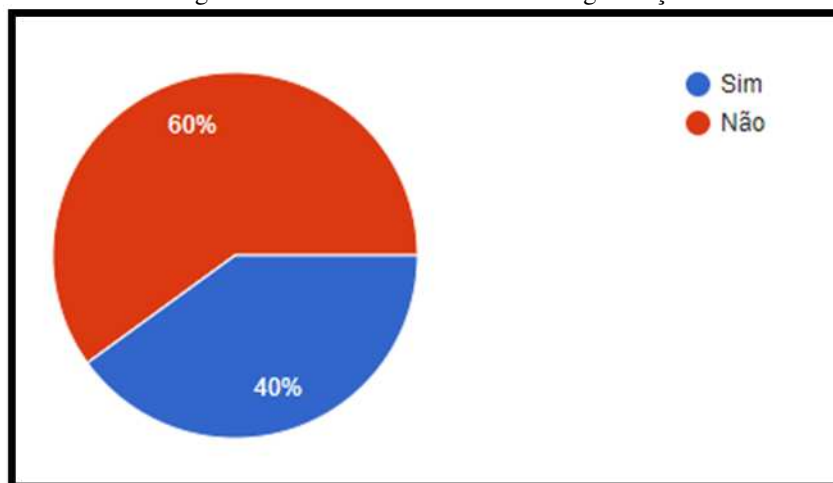


Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

Seguindo a linha de formação e especialização, de acordo com o gráfico da Figura 10, foi identificado um quantitativo de 60% de profissionais com apenas a

formação básica em exercício (graduação em Educação Física). Já os Especialistas 02 (dois) e Mestres 01 (um), compõem os maiores títulos entre os docentes pesquisados na EJA.

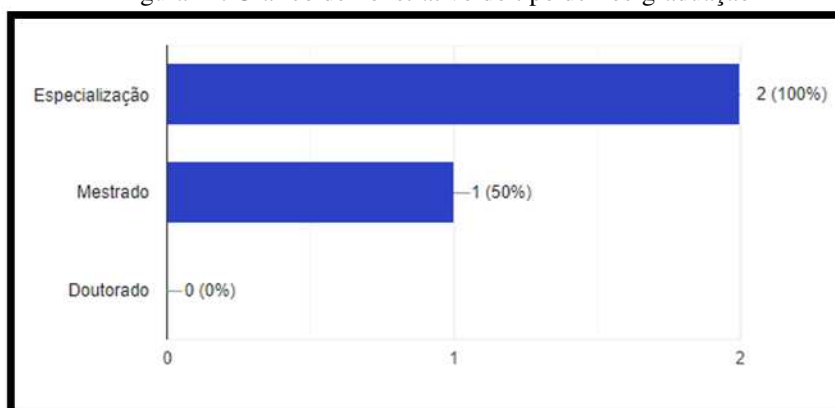
Figura 10. Gráfico demonstrativo Pós-graduação



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador.

A figura 11 demonstra o cenário acerca da titulação dos profissionais de Educação Física que atuam na EJA de Vitória da Conquista. Feitas essas considerações preliminares, buscamos localizar esse professor, dentro do segmento no qual desenvolve seu trabalho:

Figura 11. Gráfico demonstrativo do tipo de Pós-graduação

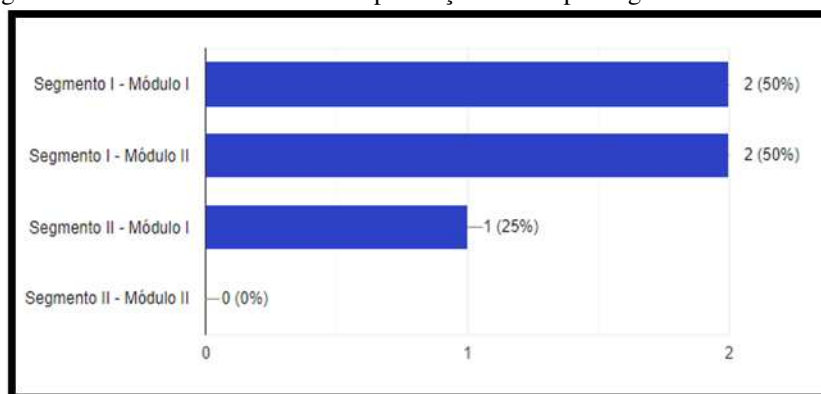


Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Fora observado, também, a presença ou não de um profissional de Educação Física em cada segmento da formação educacional proposta pela EJA. Conforme apresenta o gráfico da Figura 12, no Segmento II – Módulo II, inexistiu a oferta do componente Educação Física e, conseqüentemente, notou-se a ausência de um professor responsável. Nesse ínterim, convém refletir sobre certa incongruência para a EJA, na

perspectiva de organização curricular da SMED, visto que, em algumas unidades escolares visitadas foram encontradas turmas de EJA diurno com jovens inseridos nessas turmas de EJA e em outras não. Nesse caso, o que se evidencia, para além da não obrigatoriedade da disciplina na modalidade EJA, é a inconformidade na execução das matrizes curriculares no município, uma vez que, em algumas unidades escolares, há a oferta do componente curricular Educação Física e um professor responsável, enquanto em outras não se verificava nem uma coisa, nem outra.

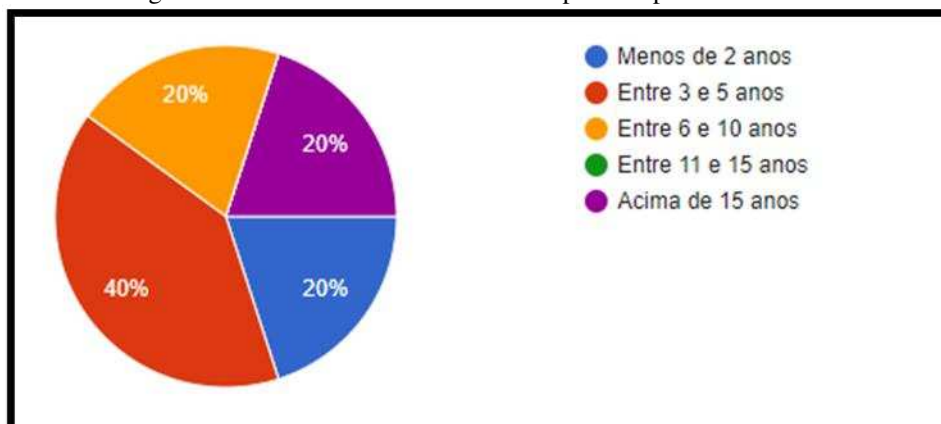
Figura 12. Gráfico demonstrativo da presença docente por segmento escolar na EJA



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Para iniciar o diálogo sobre a forma e modo de trabalho com as turmas da EJA, com vistas a identificar o melhor produto resultante desta pesquisa, também foi considerado tratar sobre o tempo de experiência docente. Ao se observar os dados constantes na Figura 13, 40% dos docentes estão localizados na faixa de 3 a 5 anos de experiência. Essa informação aponta para uma jovialidade desse corpo docente que atua na EJA em Vitória da Conquista. Característica de importante relevância para compreender as escolhas pedagógicas pelas quais esse grupo tem optado, durante a prática de sala de aula.

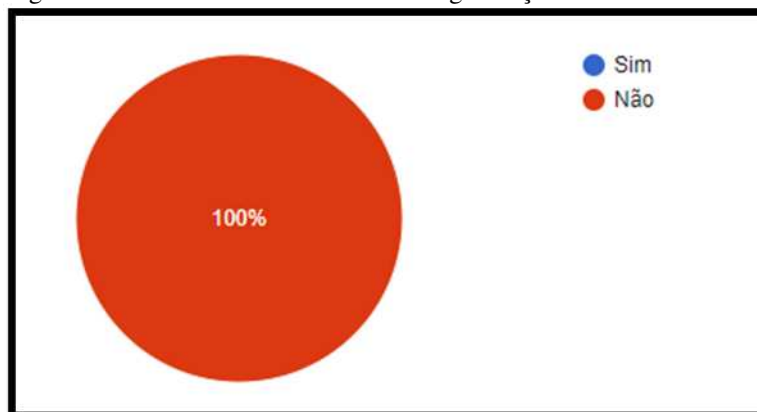
Figura 13. Gráfico demonstrativo do tempo de experiência docente.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Ademais, foi necessário levantar dados a respeito da realização de curso de Pós-graduação Lato Sensu e/ou de curso de formação ou capacitação em EJA. Através da aplicação do questionário, nesta questão específica, todos os participantes consultados responderam que não haviam realizado cursos de pós-graduação voltada para a atuação na Educação de Jovens e Adultos, como se nota na Figura 14.

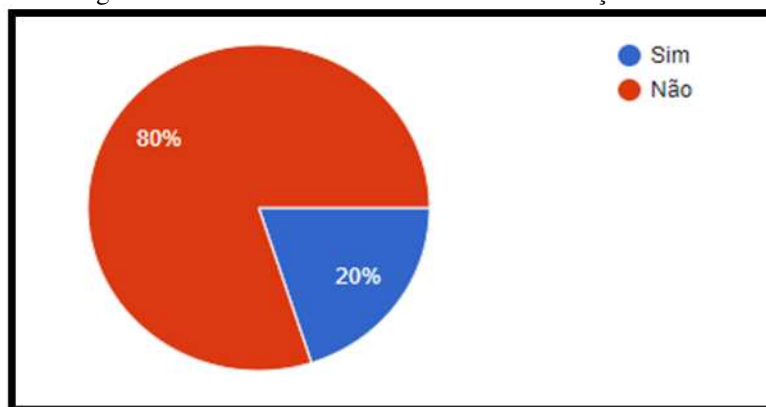
Figura 14. Gráfico demonstrativo de Pós-graduação Lato Sensu em EJA.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

No que se refere a cursos de capacitação técnica voltados para a atuação docente na Educação de Jovens e Adultos, conforme ilustramos na Figura 15, apenas 01 dos docentes consultados respondeu que havia recebido treinamento, curso ou capacitação prévia do gênero. É mister lembrar que tal dado gera certa preocupação, haja vista tudo o que já foi exposto aqui a respeito da complexidade do contexto da EJA, a destacar a evasão escolar, como também a importância do componente curricular Educação Física

Figura 15. Gráfico demonstrativo curso de formação em EJA



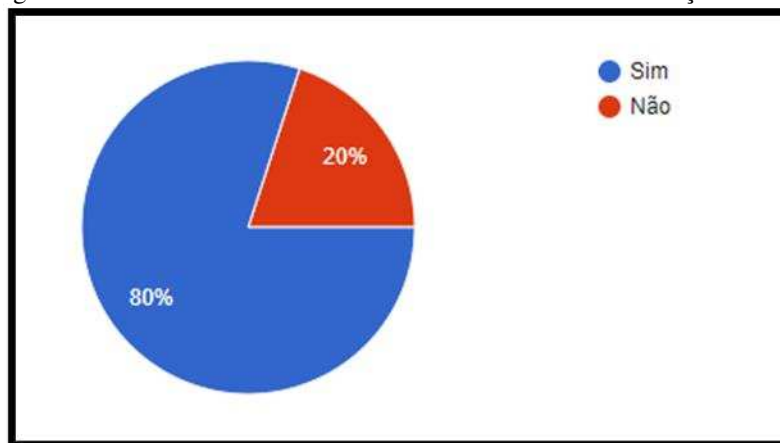
Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Ante o exposto, a partir da identificação desses dados, começamos a perceber a amplitude prática do produto resultante aqui proposto, haja vista que as informações

reforçaram a necessidade que temos de conhecer e desenvolver metodologias de trabalho assertivas para o público da EJA no que concerne as abordagens pedagógicas específicas para docentes desta modalidade.

Ainda em conformidade com as questões anteriores e em consonância com a ideia de produto resultante da pesquisa, se procurou aludir no questionário o possível interesse em participar de um curso de formação em EJA. Neste panorama, como observa-se na Figura 16, 80% dos entrevistados demonstraram que poderiam ter eventual interesse para a proposta, bem como julgaram pertinente um curso de capacitação que discorra sobre os casos cotidianos, em cotejo com as discussões didático-metodológicas do tema.

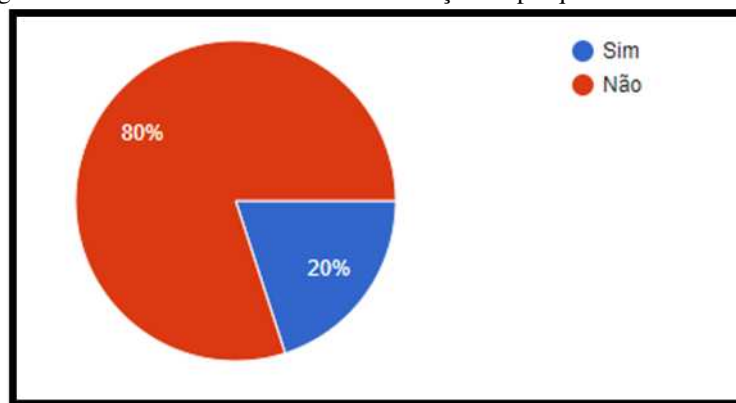
Figura 16. Gráfico demonstrativo de interesse em curso de formação em EJA.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Traçado esse desenho que caracteriza o interesse pela formação complementar, foi averiguado se, de algum modo, os profissionais consultados desenvolviam pesquisas cujas temáticas se relacionavam direta ou indiretamente com ações e políticas ligadas ao contexto dos Jovens, sobretudo, os jovens da EJA. A resposta encontrada de forma reversa ao item anterior, perfaz, muito do cenário encontrado, desta vez, na figura 17, 80% dos participantes afirmaram não pesquisar a nada relacionado à temática.

Figura 17. Gráfico demonstrativo de realização de pesquisa na EJA.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Assim, cabe a reflexão:

A construção da autonomia intelectual, postura crítica e desvincular-se do senso comum, são objetivos da escola formar, são finalidades que devem ser trabalhadas desde os anos iniciais da escolarização até o ingresso na educação superior, e por trás um grande empenho da parte docente (NERVO; FERREIRA, 2015).

Essa problemática da pesquisa frente ao processo de ensino é representativo, visto que, quando estimulada e desenvolvida por seus atores sociais, a pesquisa eleva o exercício da docência a um patamar de protagonista da educação, podendo possibilitar que a EJA avance em termos de fortalecimento do discurso do direito à educação negado a muitas pessoas em nosso meio.

Isso possibilita ao professor a condição de ser peça-chave deste processo de desenvolvimento da criticidade, ao longo do nível de escolarização, demandando ao docente apenas um olhar científico e indagador. Ademais, viabiliza a discussão de um leque de possibilidades relevantes sobre a prática docente, cujas temáticas versam por questões que vão desde o mundo do trabalho aos conteúdos da Educação Física, o que por si só, ressignificaria nossas ações na EJA.

Isto posto, é possível afirmar que:

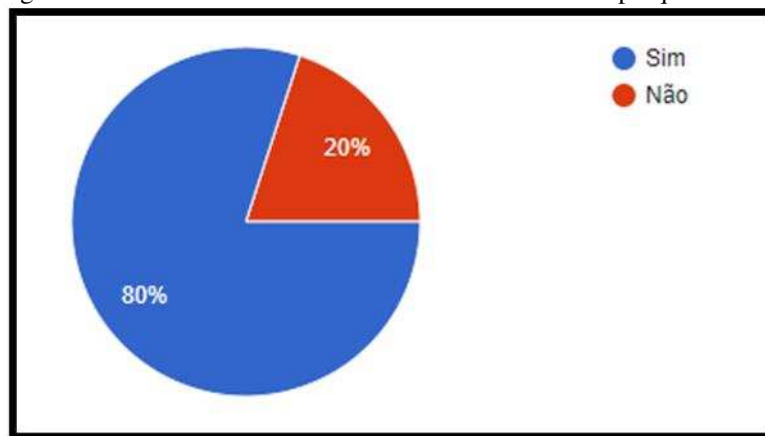
O elo entre a pesquisa e o pesquisar é o docente e ele deve ser um constante pesquisador, é dele que vem o papel de multiplicador do hábito da leitura, da escrita e da curiosidade, o professor deve ser o incentivador, abrindo lacunas para que sejam preenchidas por seus discentes através da arte de pesquisar, aguçar o limite da compreensão e tornar o aluno um pesquisador, e o docente deve compreender que sua profissão não se resume em simplesmente transmitir o conhecimento e sim em reconstruir o conhecimento, e ele cabe o papel principal (NERVO e FERREIRA, 2015).

Tal pensamento reverbera a importante função que a pesquisa tem, dentro do contexto de estabelecimento da relação ensino-aprendizagem, nos ambientes escolares. Nesse ínterim, o docente cumpre o papel de sujeito multiplicador das questões científicas,

visando estimular o jovem estudante a assumir o seu papel de protagonismo no desenvolvimento da criticidade e autonomia, por meio da valorização das intelectualidades, dentre as está presente a cultura corporal. Tal trabalho, destarte, está intrinsecamente ligado à compreensão, por parte dos docentes, dos pormenores inerentes ao contexto de ensino da EJA e, por conseguinte, ampara-se na ideia de qualificação técnica e constante atualização acerca dessa realidade, de modo a preencher eventuais lacunas na elaboração de abordagens pedagógico-metodológicas das práticas de ensino.

A Figura 18 reforça essa análise, ao passo que expressa o interesse dos sujeitos consultados em desenvolver estudos relacionados à área ou à temática aqui abordada.

Figura 18. Gráfico demonstrativo de interesse em realizar pesquisa na EJA.

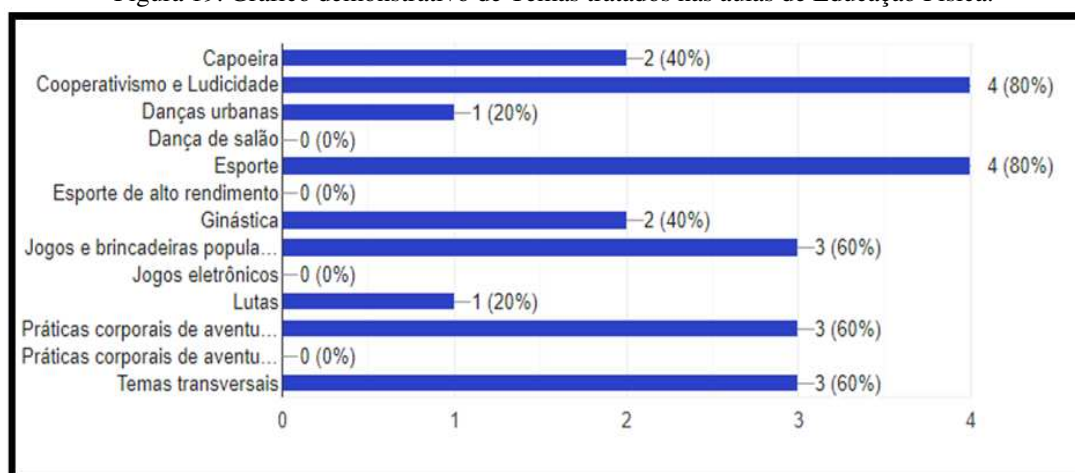


Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Nesse gráfico, 80% dos professores pesquisados demonstrou, pelo questionário aplicado, o desejo, interesse motivação em realizar pesquisas na EJA. Essa questão é interessante e refoça a ideia construída sobre a construção do perfil do professor-pesquisador e sua singular contribuição para os jovens inseridos na EJA.

Considerando todas as informações até aqui apresentadas, é oportuno discutir os principais elementos da cultura corporal de movimento, desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Acerca disso, a Figura 19 perfaz a descrição das atividades realizadas segundo informações obtidas junto aos docentes consultados neste trabalho.

Figura 19. Gráfico demonstrativo de Temas tratados nas aulas de Educação Física.



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Relembremos, a priori, que o termo Cultura Corporal foi conceitualmente definido por um Coletivo de Autores na década de 1980, cuja intenção era especificar os conhecimentos dos quais trata a Educação Física na escola, de maneira contextualizada com as práticas sociais vigentes e sua aplicabilidade cotidiana (SOUZA JUNIOR *et al.*, 2011).

Assim, a Educação Física, enquanto componente curricular da educação básica, apresenta para os estudantes dentro da escola tópicos de discussão próprios, os quais englobam esporte, ginástica, lutas, jogos e brincadeiras, atividades rítmicas e expressivas (ALTMANN *et al.*, 2018).

Ante o exposto, considerando os nossos sujeitos pesquisados e os elementos constituintes da cultura corporal, cabe destacar as atividades cooperativas e lúdicas, ao lado das práticas esportivas, como sendo as principais atividades desenvolvidas com os jovens na EJA. Essas abordagens representam 80% das menções dos entrevistados. Desse modo, percebe-se que

O lúdico ocupa um lugar significativo em nossa cultura e no desenvolvimento humano, abrangendo tanto a atividade individual e livre quanto coletiva e regrada, em um movimento progressivo e integrado, que contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo, das relações sociais, culturais, éticas e estéticas (PEREIRA, 2015).

Seguindo com as análises dos gráfico, se percebe uma conformidade entre o elemento apresentado da cultura corporal e a formação dos educandos. Logo, os jogos e as brincadeiras populares representam 60% das citações dos professores quando estabelecido diálogo em torno dos conteúdos desenvolvidos com os Jovens estudantes da EJA.

Nessa perspectiva, conforme pontua Ottopaulo Böhm (2015), notas-se a

presença do jogar e do brincar como ferramentas de aprendizagem e interação entre os jovens estudantes no ambiente escolar, sobretudo nos primeiros anos do ensino fundamental. Dessa maneira, tanto para a criança quanto para o jovem, a brincadeira cria uma zona de desenvolvimento capaz de resolver problemas e, com orientação de um adulto, nesse caso, a figura de um professor, o sujeito seja capaz de resolver as questões que lhes são apresentadas.

Outra relevante questão diz respeito às práticas corporais de aventura, ressaltadas ao apresentarmos aos docentes o questionamento quanto ao uso e aplicação dos conteúdos dessas, sendo apontadas as ações urbanas e de natureza. Nessa direção, partindo do pressuposto conceitual de que tratam-se de práticas corporais manifestadas no âmbito do lazer, com riscos e balizadas por fortes emoções, indubitavelmente, essas práticas físicas são inovadoras e diferenciadas para as vivências corporais dos estudantes.

Como exemplo, podemos citar o arvorismo, a escalada e o rafting como práticas corporais na natureza. De modo similar, as aventuras urbanas buscam proporcionar as mesmas sensações e movimentos, embora inseridas em um espaço urbano, independente da dimensão da cidade nas quais elas sejam praticadas. A citar, o *parkour*, o *slackline*, o *skate* são exemplos urbanos para essas práticas corporais de aventura.

Dadas as condições geográficas da cidade, é compreensível as dificuldades encontradas pelos docentes na tentativa de se implementar as práticas na natureza, talvez por isso, não foi encontrado nenhum registro de professor que tenha tentado aproximar esses dois universos. Por outro lado, as práticas de aventura urbana mostraram-se mais aplicáveis e eficientes para este cenário, com 60% de registros apontados pelos entrevistados, o que reforça o potencial que temos no sentido de diversificar a gama de práticas corporais para os jovens estudantes da EJA em Vitória da Conquista, quando o olhar se volta à pesquisa e descoberta de novas possibilidades. Dessa forma,

Enquanto área de conhecimento e fonte de intervenção social, a Educação Física como componente curricular, consegue dar conta de forma específica e profícua da abordagem de temas que relacionam as práticas corporais ao meio ambiente e à natureza. O esporte de aventura proporciona ao profissional de Educação Física essa plataforma de trabalho (PAIXÃO, 2017).

Considerando o contexto das possibilidades pedagógicas aqui retratadas, com o propósito de revelar a Educação Física como protagonista frente aos elementos da Cultura Corporal, convém discutir a presença das lutas como tema gerador das aulas de Educação Física na EJA. Assim, ainda em conformidade com a Figura 19, verificou-se a presença das lutas enquanto elemento didático para as aulas da disciplina, em um quantitativo de

20% das respostas dos professores consultados. O nosso entendimento é que as experiências corporais advindas das práticas das artes marciais corroboram positivamente para o desenvolvimento físico, cognitivo e motor dos estudantes. Ainda nessa mesma linha, é importante compreender que:

Embora façam parte das mais remotas expressões do ser humano, as lutas devem estar presentes em qualquer proposta curricular da Educação Física, por fazer parte do patrimônio cultural da humanidade. Entretanto, é necessário ressignificar as lutas, para que possam contribuir com os objetivos educacionais propostos para a Educação Física escolar (MOURA *et al.*, 2019).

Frente essa afirmativa é percebido que o ensino das lutas deve estar pautado na busca de atitudes críticas e criativas, apontando a necessidade de ampliar os conteúdos por meio da contextualização histórico-crítica e humana do sujeito. Mesmo assim, é importante reconhecer que o ensino das lutas na escola deve buscar a superação da abordagem reducionista, priorizando a formação geral em detrimento da repetição dos gestos técnicos, visando ressaltar as subjetividades referentes ao seu aprendizado.

Por fim, ainda que a Educação Física não esteja regulamentada como componente curricular da EJA, é interessante perceber que nas unidades escolares em que a figura do professor especialista está presente e que a disciplina é ofertada na matriz curricular, esses constituintes representam para o jovem estudante da EJA uma significativa evolução no que diz respeito as vivências das práticas corporais, oportunizando o pleno desenvolvimentos dos conteúdos e elementos ligados à cultura corporal de movimento. Desta forma, apontamos a necessidade de novos estudos como este, que sirvam de fundamentos de ressignificação pedagógica e direcionem o olhar sobre o corpo jovem que está matriculado nas classes de EJA.

Assim, de forma exploratória entendemos que esses são os nossos resultados após a investigação de campo e a seção a seguir reconstrói os principais fatos dessa pesquisa com as nossas considerações finais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa procurou compreender a Educação Física como área de conhecimento oferecida aos Jovens inseridos nas turmas de EJA. As nossas primeiras reflexões surgem com a necessidade de compreender como se efetivou o trato pedagógico dos conhecimentos e saberes ligados à cultura corporal de movimento e como eram desenvolvidas as práticas no cotidiano da Educação Física, nas unidades escolares que ofertavam a EJA para alunos Jovens.

Com isso, buscou dar visibilidade aos conteúdos da cultura corporal de movimento, tendo como enfoque as turmas da EJA que incluem jovens, possibilitou olhar para novas perspectivas de pensar a prática pedagógica da Educação Física. Tratando da EJA, assim como em outras modalidades de ensino nas quais, naturalmente, predominam os conteúdos de natureza teórica, oferecer uma Educação Física vibrante, dinâmica e atrativa ao estudante trabalhador, trará um novo significado às práticas corporais da Educação Física para o público da EJA.

Nesse sentido, à luz de todas as informações aqui apresentadas, entendemos ser necessário fortalecer esse processo de discussão e entendimento da presença da Educação Física na EJA, compreendendo que esse componente curricular oportuniza liberdade ao processo criativo do sujeito, integra diferentes pessoas no mesmo grupo, privilegia a cooperação em detrimento das iniciativas individuais, questões que são plenamente vividas e sentidas com a oferta da diversidade de ações propostas pela cultura corporal de movimento no ensino da disciplina, independente do nível ou modalidade de ensino.

Nessa conjuntura, tivemos como objetivo, ao longo da investigação, analisar a presença dos elementos da cultura corporal na aulas de Educação Física considerando a presença dos jovens que estavam incluídos nas turmas de jovens e adultos. Esse recorte da pesquisa que nos fez olhar para os jovens é, certamente, um dos pontos altos deste trabalho, justamente por nos proporcionar reflexões sobre a forma de como desenvolver a melhor Educação Física para esse sujeito, de maneira a lhe apresentar, de uma perspectiva positiva, as múltiplas possibilidades pedagógicas da área, bem como desenvolver conteúdos de maneira rica e reflexiva. Todas essas questões são bem justificadas quando olhamos para o movimento corporal do estudante e vislumbramos nele a cultura que vive em seus diversos potenciais expressivos, movimento que a Educação Física contribui para o desenvolvimento.

No que diz respeito a metodologia, optamos por desenvolver um estudo de ordem qualitativa, por compreender que esse método poderia ser um agente facilitador para o percurso da pesquisas que havíamos planejado percorrer. Os dados da foram produzidos por meio de uma ação prática, onde se buscou identificar o cenário no qual os professores de Educação Física estavam inseridos no que diz respeito às abordagens pedagógicas utilizadas, se havia ou não a presença dos elementos da cultura corporal e, sobretudo, como eles eram tratados.

Nesse sentido, utilizamos como instrumento para produzir os dados um questionário, cuja finalidade foi nos direcionar para a resposta da nossa pergunta norteadora da pesquisa, levando, assim, a alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa. Os dados foram descritos após aplicação das entrevistas com os professores de Educação Física da rede pública no Município de Vitória da Conquista, por meio eletrônico, dada as circunstâncias sanitárias atuais (COVID-19). Utilizamos um formulário “*Google Doc*” e disponibilizado via “*Google Forms*” para que os sujeitos da pesquisa pudessem ter acesso e responder os nossos questionamentos.

Após essa etapa, foi possível verificar que os resultados indicaram um perfil do professor de Educação Física no que se refere a predominância do sexo entre os docentes, verificamos a formação por área do professor que lecionava Educação Física na EJA, em especial, nas turmas que incluíam jovens nesta modalidade de ensino. Foi também observado o tempo de experiência e os principais temas tratados da cultura corporal nas aulas do componente curricular supracitado. Por fim, com intuito de nos aproximarmos do produto desta investigação, observamos o interesse dos docentes atuantes na EJA em participar de curso de formação voltado para os professores de Educação Física.

Assim, os nossos resultados demonstram entre outros valores conceituais as inúmeras possibilidades de movimentos na Educação Física, a citar: a luta, o jogo, a brincadeira, as atividades rítmicas e artísticas, além de, obviamente, todo o conteúdo esportivo que de, forma geral, constitui como as práticas mais acessíveis para as unidades escolares.

Diante do exposto, os resultados evidenciaram que há uma nítida possibilidade de dar sentido e significado às práticas corporais e os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física com discentes jovens inseridos na EJA.

Nesse universo de possibilidades, fica o desejo de contribuir com a formação

dos professores, por meio do produto desta pesquisa, que visa apresentar e desenvolver metodologias de trabalho propositivas para os sujeitos professores de Educação Física que trabalham com Jovens. Portanto, chegamos ao fim desta investigação com a certeza que a contribuição final deste trabalho, move-se pela proposta e implementação do curso de formação como produto desta pesquisa.

Essa proposta de ação será melhor descrita e apresentada nos anexos deste estudo, com os elementos fundamentais para um projeto de curso: título, instituição promotora, estimativa de período para realização do evento, carga horária, objetivo geral, objetivo específico, justificativa, público alvo e número de participantes. Assim, agradecemos a todos os professores(as) que contribuíram com essa investigação e, por meio desta ação, esperamos retribuir com a difusão de novos conhecimentos voltados aos processos de ensino e aprendizagem com os jovens, sobretudo, os inseridos na Educação de Jovens e Adultos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P. C.; CAUDURO, M. T. **O desinteresse pela educação física no ensino médio**. In: EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Ano 11, nº 106, março 2007. Disponível em: Acesso em: 27 jan. 2021.
- ALTMANN, Helena et. al. **Gênero e a Cultura Corporal de Movimento: práticas e percepções de meninos e meninas**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 26(1): e44074. 2018. Acesso em: 08 de Nov. 2021.
- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli. SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia (Ribeirão Preto) n. 2 Ribeirão Preto Feb./July 1992.
- ANTUNES, Denise Dalpiaz. **Relatos significativos de professores e alunos na Educação de Jovens e Adultos e sua auto-imagem e auto-estima**. Porto Alegre: Tese de Mestrado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.
- AQUILINO, Simone Martins. NUNES, Izabel Cristina de Souza. **As contribuições da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos**. III CONEDU - Congresso Nacional de Educação CONEDU, Natal, RN. Disponível em: <https://edicoes.conedu.com.br/2016/index.php>, 2016. Acesso em: 07 de Nov. 2021.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, A. S. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BRASIL, Ministério da educação. Secretaria de Educação fundamental. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos**. Vol. 3. 194-239, 2002.
- BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: 16 dez. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC,1996.
- BRASIL. **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental (5º a 8º série)** Vol. 1 e 3. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- CAMARGO, Maria Cecília da Silva. et al. **Educação física na eja: quem sabe faz a hora e não espera acontecer**. Revista Humanidades e Inovação v.7, n.10 – 2020.
- CARDOSO, Bárbara Karenina do Rêgo, et al. **Atuação do profissional de educação física na eja: desafios e soluções**. V CONEDU – Congresso Nacional de Educação. Olinda – PE, 2018. Disponível em: [www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br) . Acesso em 27 jan.2021.
- CARRANO, P. C. R.; MARINHO, A. C.; OLIVEIRA, V. N. M. **Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 41, p. 1439-1454, dez. 2015. Disponível em: <https://bityli.com/2242c>. Acesso em: 25 fev. 2021.

CARVALHO, Roseli. V. **A juventude na Educação de Jovens e Adultos: uma categoria provisória ou permanente?** In: 9º CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/3º ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Paraná.

COFFANI, Márcia Cristina Rodrigues da Silva. **O corpo no cotidiano da educação física do ensino médio: um estudo sobre suas práticas pedagógico-curriculares.** Cuiabá: UFMT, 2016. 600f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2016.

COSTA, Clarice Gomes. **Desafios da eja em face das transformações do trabalho.** Revista Lugares de Educação. [Online] Jul.-Dez de 2013. [Citado em: 10 de 09 de 2018.]. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rle/article/view/16338>

COIMBRA, C. M. & NASCIMENTO, M. L. **Jovens pobres: o mito da periculosidade.** Jovens em tempo real. Rio de Janeiro: DP&A, 19-37. 2003.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell ; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAYRELL, J. **A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 105-1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito Social.** Revista Brasileira de Educação, n. 24, Rio de Janeiro, set./dez. 2003.

DOIRADO, Edmilson Fernandes et al. **Problemáticas e contestações sobre a disciplina de educação física no currículo da educação básica.** 9º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar – CONPEF. UEL - Londrina – 21 a 24 de maio de 2019.

EUGÊNIO, Benedito. SOUZA, Thiana Eirado Sena de. **Estado do conhecimento sobre juventude negra: análise do VI simpósio internacional sobre juventude brasileira (JUBRA).** Educação por escrito, Porto Alegre, v.8, n.1, p. 49-66, jan-jun. 2017.

FARIA, Edite Maria da Silva de; MOSCOVITS, Aline Batista. **O Direito à Educação Escolar para os Sujeitos do Campo: tutela do Estado ou construção social coletiva?** Rev. Educ. Perspec. Viçosa, MG v.8. n.3. p.398-413. set./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6976/2830> Acesso em: 14 de set. 2021.

FARIAS, Uirá de Siqueira et. al. **No caminho de novas práticas pedagógicas em Educação Física escolar.** Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde, Campinas: SP, v. 15, n. 4, p. 486-504, out./dez 2017. Acesso em: 08 de Nov. 2021.

FERRAZ, A. E. Q. **O urbano em construção: Vitória da Conquista, um retrato de duas décadas.** Vitória da Conquista: UESB, 2001.

FREITAS, L. M. **Interfaces entre o Ensino médio regular e a juvenilização na EJA:**

Diálogos, entrelaçamentos, desafios e possibilidades sobre quefazeres docentes. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDSCHMIDT FILHO, Francisco; CRUZ, Lucas da Lopez. BOSSLE Fabiano. **EDUCAÇÃO FÍSICA NA EJA: desafios e possibilidades**. Revista Kinesis. Vol 34, nº 2 Jul-Dez, pg. 117 – 131, 2016.

LIMA, Vivaldo da Costa. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupo**. 2. ed. Salvador: Corrupio, 2003.

LIMA, Wagner de Sena. **O trato com o conhecimento da cultura corporal na educação de jovens e adultos: crítica à concepção e negação dos conteúdos nos projetos de formação**. 2015. Monografia (Especialização). Universidade Federal da Bahia, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: N-1 edições, 2018, 80p.

MERLO, Thiago Elias. TAVARES, Sérgio Ferreira. **Cultura Corporal e o Pensamento Social Brasileiro: modelo contemporâneo e Dialéticas**. CONEXÕES, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 4, n. 1, 2006 – ISSN 1983 – 9030. Acesso em: 07 de Nov. 2021.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAIS, Karine Helena. O professor de educação física na EJA: Da formação prática a uma educação física de teorias. **Revista Espacios**, Vol. 38, nº 20, 2016.

NASSER, Luciene Ribeiro. GUABIROBA, Juliana Silva. **A educação física e o idoso na educação de jovens e adultos**. Connection line. ISSN 1980-7341. n. 8 (2012)

OTTO PAULO, Bohm. **Jogo, Brinquedo e Brincadeira na Educação**. 2015. Artigo para obtenção do título de (Especialização). Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, 2015.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1973

PAIXÃO, Jairo Antônio da. **O Esporte de Aventura como conteúdo possível nas aulas de Educação Física**. Motrivivência v. 29, n. 50, p. 170-182, maio/2017. Acesso em: 08 de Nov. 2021.

PEREIRA, Reginaldo Santos. **Ludicidade, Infância e Educação: uma abordagem histórico e cultural**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 64, p. 170-190, set. 2015. Acesso em: 08 de Nov. 2021.

SANTOS, A. J.; ALMEIDA, J. R. M. Vitória da Conquista em contraste: a avenida da integração e a luta de classes. **Anais XX Ciclo de estudos Históricos**, 2009, Ilhéus. Anais do XX Ciclo de estudos Históricos. Ilhéus. UESV, 2009. V. 1. P.1-8. Disponível em: <[www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/alexandre\\_de\\_jesus\\_santos.pdf](http://www.uesc.br/eventos/cicloshistoricos/anais/alexandre_de_jesus_santos.pdf)>. Acesso: maio de 2021.

SILVA, Jonatan dos Santos. **Capoeira não pede bênção a coronel: os mestres e a memória da disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista - BA (1950-2000)**. Vitória da Conquista, 2018. Dissertação (Mestrado) – PPGMLS. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio et. al. **Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol. 33, núm. 2, abril-junio, 2011, pp. 391-411. Acesso em: 08 de Nov. 2021.

STRELHOW, Thyeles. Breve história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, p. 49-59, jun. 2010.

TIELLET, Maria do Horto Salles. **Políticas públicas de redução e prevenção dos conflitos e da violência em ambiente escolar do estado do Mato Grosso: reflexos nas escolas estaduais do município de Cáceres**. 2012. 362 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2012.

**TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO**. Revista Lugares de Educação. [Online] Jul.-Dez de 2013. [Citado em: 10 de 09 de 2018.]. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rle/article/view/16338>

## ANEXOS – A

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Educação (DEDC) Campus I – Salvador  
Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA

### TÍTULO DA PESQUISA:

A Educação Física e a cultura corporal no contexto dos jovens inseridos na Educação de Jovens e Adultos - EJA: uma proposta de formação para professores de Educação Física que trabalham com jovens.

**AUTOR:** Gênesis Oliveira Rocha

**ORIENTADORA:** Profa. Dra. Edite Maria da Silva de Faria

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

#### INFORMAÇÕES DO ENTREVISTADO

Idade: \_\_\_\_ (Anos)

Sexo: ( ) M ( ) F

Formação: \_\_\_\_\_ Ano \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Formação em outra área: \_\_\_\_\_ Ano \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na Educação Física Escolar \_\_\_\_\_ (Anos/Meses)

Pós-graduação? ( ) SIM ( ) NÃO

( ) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

Caso positivo, em que área? \_\_\_\_\_

#### ENTREVISTA:

Data: \_\_/\_\_/2021.

Início: \_\_\_\_\_ Término: \_\_\_\_\_

Código da entrevista: \_\_\_\_\_

### QUESTÕES NORTEADORAS

#### DIMENSÃO 1 - REGISTRO ESCOLAR

Unidade Escolar que atua: \_\_\_\_\_

Número total de Jovens matriculados nas turmas de EJA: \_\_\_\_\_

Número de alunos com dispensa das aulas de Educação Física: \_\_\_\_\_

Motivo da dispensa: \_\_\_\_\_

Modalidade de ensino: \_\_\_\_\_

Segmento I

Módulo I

Módulo II

Segmento II

Módulo I

Módulo II

#### DIMENSÃO 2 – IDENTIFICAÇÃO DE ATIVIDADE DOCENTE NA EJA

1. Há quanto tempo você leciona Educação Física?

Menos de 2 anos

- Entre 3 e 5 anos
  - Entre 6 e 10 anos
  - Entre 11 e 15 anos
  - Acima de 15 anos
2. Há quanto tempo trabalha na EJA? \_\_\_\_\_ anos.
3. Tem pós-graduação Lato Senso em EJA?
- Sim
  - Não
4. Tem curso de capacitação para Educação de Jovens e Adultos?
- Sim
  - Não
5. Tem interesse em participar de curso de capacitação em EJA?
- Sim
  - Não
6. Realiza pesquisas com o tema relacionado a EJA?
- Sim
  - Não
7. Teria interesse em desenvolver estudos nessa área?
- Sim
  - Não
8. Tem Jovem com Necessidade Educacional Especial?
- Sim
  - Não

8.1 Se sim, Qual? \_\_\_\_\_.

9. Tem Jovens Deficientes ou com alguma necessidade especial na EJA?
- Sim
  - Não

### DIMENSÃO 3 – TRATO PEDAGÓGICO

10. Indique os principais temas tratados nas suas aulas de Educação Física.
- Capoeira
  - Cooperativismo e Ludicidade
  - Dança urbanas
  - Danças de salão
  - Esporte
  - Esporte de alto rendimento
  - Ginástica
  - Jogos e Brincadeiras Populares
  - Jogos Eletrônicos
  - Lutas
  - Práticas corporais de Aventura na Natureza
  - Práticas corporais de Aventura Urbana – Esportes Radicais
  - Temas transversais.

11. Existe uma organização curricular para a Educação Física na EJA?
- Sim  Não
12. Em caso de sim, você consegue executar o plano de trabalho?
- Sim  Não
13. Você tem em sua organização didática aulas teóricas?
- Sim  Não
14. Consegue reconhecer as Dimensões do conhecimento na Educação Física em seu trabalho?
- Sim  Não
15. Ainda tratando das dimensões do conhecimento, qual ou quais dimensões são de forma recorrente trabalhadas em suas aulas?
- Conceitual  
 Procedimental  
 Atitudinal
16. Como é possível avaliar a estrutura física da unidade escolar para as práticas da Educação Física?
- Péssima  
 Ruim  
 Regular  
 Boa  
 Excelente
17. Sobre os materiais didáticos e esportivos, qual a sua avaliação a respeito desse tema?
- Péssima  
 Ruim  
 Regular  
 Boa  
 Excelente
18. Como é possível avaliar as condições de trabalho no município?
- Péssima  
 Ruim  
 Regular  
 Boa  
 Excelente
- 19. Sente falta de alguma coisa que possa melhorar seu trabalho docente, descreva o que poderia ser melhorado?**
- 
- 
-

**DIMENSÃO 4 – FREQUÊNCIA E AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA**

**20.** Quantas aulas de Educação Física há na escola para os Jovens da EJA?

- Não existe
- 1 por semana
- 2 por semana

**21.** Você considera essa frequência razoável para seu trabalho?

- Sim
- Não

**22.** Como se dá o processo avaliativo, costuma fazer provas?

- Sim
- Não

**23.** Você avalia assiduidade e pontualidade?

- Sim
- Não

**24.** Participação e interesse?

- Sim
- Não

**25.** Relação com o meio e com os outros?

- Sim
- Não

**26.** É possível avaliar a participação na aula prática?

- Sim
- Não

**27.** Existem alunos (as) que se recusam a participar das ações práticas?

- Sim
- Não

**28.** Em caso de sim, é possível desenvolver alguma atividade paralela?

- Sim
- Não

**29.** Qual?

Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Educação (DEDC) Campus I – Salvador  
Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA

**FORMAÇÃO PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE ATUAM COM  
JOVENS ESTUDANTES DA EJA: UMA PROPOSTA PARA RESSIGNIFICAR AS  
PRÁTICAS.**

Salvador  
2021

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente projeto de intervenção visa atender as demandas dos professores de Educação Física que atuam com jovens inseridos na Educação de Jovens e Adultos – EJA. A origem dessa proposta alicerça-se nas fundamentações e diálogos amplamente realizados ao longo do processo de mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sendo derivado de dissertação apresentada, cujo título é *“A Educação Física e a Cultura Corporal no contexto dos Jovens Inseridos na Educação de Jovens e Adultos – EJA”*.

O projeto de intervenção, formatado como um curso de formação continuada para o referido público-alvo, assume um perfil extensionista, de modo a viabilizar maior acesso e adesão aos sujeitos que são foco deste estudo, no caso, os professores de Educação Física que atuam na Educação de Jovens e Adultos no município de Vitória da Conquista (BA). A construção desse curso de formação ocorre por meio de algumas observações feitas durante a escrita da dissertação, a exemplo de a necessidade do aprofundamento do diálogo com os professores de Educação Física acerca de elementos da cultura corporal de movimento, refletindo suas perspectivas e abordagens pedagógicas para melhorar o processo de ensino-aprendizagem da referida disciplina, no contexto da EJA.

A iniciativa se justifica por visar ser um trabalho em prol da formação do professor de Educação Física, especialmente por ser centrada no ensino e aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, tendo, como ação adjunta, explorar as possibilidades de movimentos corporais, além de fortalecer a presença da Educação Física enquanto componente curricular acessível aos jovens estudantes matriculado nas turmas de EJA.

## 2. OBJETIVO

### 2.1 Objetivo Geral:

Desenvolver e/ou dinamizar ações extensionistas no campo das práticas corporais - dança, práticas corporais de aventura, lutas, artes marciais, capoeira, ioga, ginástica, práticas circenses e práticas esportivas - fundamentadas na perspectiva histórico-cultural e nos princípios da diversidade e da inclusão, com vistas a democratizá-las e promover benefícios biopsicossociais à comunidade.

### 2.2 Objetivos Específicos

- Promover a articulação da pesquisa e da extensão de maneira dialógica com o esporte e lazer e a formação do professor de Educação Física que atua na EJA;
- Promover a socialização e proporcionar um ambiente mais acolhedor e prazeroso na instituição de ensino que eventualmente acolha esse projeto, colaborando para maior disposição, rendimento e participação dos atores envolvidos na EJA;
- Debater a importância da Educação Física para os jovens inseridos na EJA;
- Desenvolver ações didáticas e metodológicas para o ensino das práticas corporais da Educação Física na EJA, do ponto de vista da docência;
- Dialogar a respeito das possibilidades do ensino dos esportes coletivos no trabalho com os jovens.

### 3. METODOLOGIA

Este projeto de intervenção é um trabalho de cunho qualitativo, pois objetiva a compreensão e explicação de fenômenos no campo educacional, haja vista que se configura como produto de pesquisa acadêmica. Ademais, consideramos que as abordagens qualitativas sejam as mais apropriadas para estudos do campo das Ciências Humanas e Sociais, nas quais há a perspectiva de que “*o ser humano não deve se constituir como objeto a ser medido e tabulado, mas como ser que se integra em um sistema de significações e intenções, que é necessário conhecer*” (JACOBINI, 2011, *apud* MEDEIROS, 2022, p. 57).

Nesse contexto, por se tratar de uma proposta que objetiva compreender as ações dos professores de Educação Física e as suas práticas, identificamos, na abordagem qualitativa, os caminhos mais adequados para nortear a intervenção proposta. Essas e outras escolhas encontram sentido e significado nas considerações de Minayo (1994), a qual destaca a natureza investigativa dessa abordagem:

[...] o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21-22)

Salientamos, no entanto, que as abordagens qualitativas não descartam as informações de caráter quantitativo (TRIVIÑOS, 1987). No presente estudo, frisa-se, por exemplo, muitas informações relevantes foram obtidas por meio dos questionários aplicados, os quais foram de grande importância para a compreensão do cenário estudado, em consonância com a abordagem teórico-metodológica traçada na dissertação da qual este projeto deriva, viabilizando aprimorar as estratégias a serem adotadas neste plano de intervenção.

#### 3.1 Critérios de Inclusão

Este estudo tem como *locus* de investigação os professores de Educação Física que atuam com regime de trabalho efetivos ou contratados junto a Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista (BA).

#### 3.2 Escolha dos Conteúdos

Em resumo, pretendemos adotar todos os conteúdos pertinentes à cultura corporal, a citar: dança, práticas corporais de aventura, lutas, artes marciais, capoeira, ioga, ginástica, práticas circenses e práticas esportivas - fundamentadas na perspectiva histórico-cultural e nos

princípios da diversidade e da inclusão, com vistas a democratizá-las e promover benefícios biopsicossociais à comunidade.

### **3.3 Avaliação**

A avaliação será contínua e processual, visando contemplar todas as atividades realizadas durante o curso proposto como formação para professores de Educação Física que trabalham com jovens da EJA, abrangendo assim todo o conteúdo programático. Será proposto que todo participante do curso realize uma autoavaliação e produza uma atividade prática a respeito de um ou mais elementos da cultura corporal estudados ao longo do processo pedagógico, na forma de uma atividade final. Serão levados em consideração a frequência e a participação e contribuição com as discussões e atividades realizadas ao longo do curso.

#### 4. REFERÊNCIAS

MEDEIROS, Willian da Silva. **Trajetos formativos e saberes docentes: ressignificando a docência de biologia na educação profissional e tecnológica.** Willian da Silva Medeiros - Jaguari, RS: [s.n.], 2022.

MINAYO, M. C. de S. [et al.] (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais - A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987. ISBN 8522402736.